# URBANISMO & IMOBILIÁRIO

# 

Campus da Justiça
Vai influenciar nova
centralidade no
parque da cidade

Campus da Justiça Na iluminação pública
fluenciar nova Endesa substitui
EDP

Transportes públicos de passageiros

Maior rede, mais e melhores
autocarros num serviço que terá
um investimento de 30 milhões

Seara de Sá Cuidar da cidade com outro olhar

Estudantes notam
Oferta de casas
não é suficiente

Em São Torcato
Urbanização
de marca e
qualidade



60 milhões para hotel, urbanização e serviços 02 Guimarães, agora! Guimarães, agora!

#### **EDITORIAL**

#### Ainda há lugar?



RAUL ROCHA Engenheiro

#### Sobre nós...

#### OUTRO PONTO DE VISTA...

JOSÉ EDUARDO GUIMARÃES jeguimaraes@guimaraesagora.com

Há 50 anos escrevi o meu primeiro texto na imprensa local. "A Bola", "Notícias de Guimarães", "O Primeiro de Janeiro", "República" foram títulos onde comecei a ler, a par dos romances de aventuras e ficção juvenil. Hoje leio mais edições digitais com exceção de religiosamente, ao sábado de manhã, ler o "Expresso" em papel. Quando veio a democracia, a 25 de abril de 1974, o meu primeiro sonho foi publicar um jornal onde pudesse transmitir novas ideias e divulgar novos protagonismos. "O Povo de Guimarães" concretizou esse sonho quatro anos depois. A existência de imprensa livre e crítica é, para mim, condição indispensável da democracia. Só há escrutínio da intervenção política, cultural, social, desportiva, se os discursos oficiais dos poderes e das oposições forem desconstruídos, explicados, desnudados. Tal hoje é uma exigência superior aos anos passados, quando andei pelo jornalismo. Todos os interventores no espaço público, o poder, as oposições, na política, mas também as diferentes instituições dos mais diversos âmbitos, constroem a sua informação, a sua narrativa que divulgam e pretendem passar como a verdade. Não era assim no passado, onde o difícil era descobrir notícias, encontrar fontes. Hoje é fácil editar publicações transmitindo apenas verdades institucionais. Mas o jornalismo não é isso. Todos os poderes, todas as instituições, têm os seus gabinetes de informação, e as redações são inundadas. Aqueles que se limitam a reproduzi-las, não fazem jornalismo. Infelizmente é o que mais sucede. Por isso todas as publicações são muito iguais. Defendem-se com a objetividade da notícia. O leitor deixou de procurar informação. Esta chega-lhe pelas edições digitais. Nas discussões de amigos, o "google" desempata. O papel da imprensa escrita devia ser desconstruir o que é transmitido pelos gabinetes de informação e armazenado pela internet. Não sucede. A informação em papel, genericamente, pouco acrescenta às edições digitais. Daí a interrogação: Ainda há lugar? O "Guimarães, agora!", que hoje inicia a sua publicação, ajudar-me-á a encontrar a resposta. Se conseguir ser algo mais do que é divulgado nas páginas digitais, hora a hora, da informação local. Quando é...

"Guimarães, agora!" é muito mais que um título de um jornal. É a identificação de um projecto de comunicação, assente em várias plataformas, que pretende estimular a sociedade vimaranense, dando nota de muitos e bons exemplos que se podem ver em todas as áreas, da cultura ao desporto, da política à economia, das artes à arquitectura. Não temos áreas tabus, nem dogmas que nos tolham o nosso caminho ou o sujeitem a regras das quais ofendam a nossa consciência. Queremos viver livres e com a consciência de que podemos fazer o melhor nesta área da comunicação, ameaçada por travestis do jornalismo, da política e da comunicação que se olham ao espelho como se fossem como Narciso... Não nos peçam para servir interesses individuais porque apostamos no colectivo, não nos julguem apenas por aparências, sinais ou interpretações dúbias e subjectivas. Vamos

ser claros: o interesse de Guimarães não será derrubado por outros interesses. Já demos provas variadas e bastantes de que vivemos de convicções, tão legítimas como as crenças ou as convicções de outros. Convicções fortes e que nos tolhem, por vezes, interesses ou benesses que podíamos obter. Quem quiser conhecer o que se faz de melhor, quem o faz e como vai andando Guimarães num contexto local, regional, nacional e mundial só têm de ler os conteúdos que vamos produzir nas publicações associadas, em

formatos de papel ou digital. Não pretendemos deixar ninguém indiferentes ao que fazemos e porque o fazemos, livres e conscientes de que sabemos desempenhar o nosso papel, mesmo que outros nos colem com selos, epítetos, nos chamem nomes, ou nos situem em qualquer das barricadas ou fronteiras que haja por aí e por cá. Deixem-nos estar no nosso lado, no lado que escolhemos por convicção e vontade própria, o lado da verdade e da nossa interpretação dos factos. Será sempre mais importante o que pensamos de nós... do que aquilo que outros entendam dizer o que não somos. A nossa arma é a perfeita consciência de que não vamos agradar a todos, a certeza de que não nos incomodaremos com julgamentos fáceis, sem medos nem sofismas, cientes de que faremos o nosso caminho... caminhando! Este jornal e tudo o que fizermos terá a nossa marca. Vamos fazer aquilo em que acreditamos e que é, por nós, considerado o que é melhor para a nossa terra. Sim, com algum bairrismo e orgulho mas com a consciência plena de que também somos mortais e erramos. "Guimarães, agora!" é um jornal diferente, com um conceito editorial mais propenso a explicar, investigar e questionar do que a dizer amém, sempre aberto ao diálogo e à confrontação de ideias e opiniões porque importa, afinal, ouvir todos. Vamos seguir os nossos padrões e, por favor, não nos peçam para fazer o que outros fazem.

#### MANUEL CARVALHO

Construtor



António Magalhães, ex-presidente da Câmara, defendia que em cada freguesia devia haver um promotor para complementar o investimento municipal com a iniciativa privada, para fazer crescer as localidades e torná-las mais consistentes. Manuel Carvalho, construtor, faz isso em São Torcato com resultados visíveis, na oferta habitacional.

#### DOMINGOS BRAGANÇA Presidente CM Guimarães

O "campus da justiça" que se projecta para a zona do parque da cidade pode ser o primeiro serviço a instalar-se na zona e a marcar uma nova centralidade na cidade, sendo certo que já é uma frente de urbanização em expansão. A localização não agrada a todos mas é a opção legítima de quem governa e tem a responsabilidade, legitimada pelo voto de a fazer.

#### CONCORRÊNCIA

Regras da União Europeia



Guimarães abre-se mais às regras europeias sobre concorrência e não só nas empreitadas de obras públicas. Chegou a hora dos serviços de iluminação pública, em que a EDP perdeu o monopólio e até ao fim do ano, as mesmas regras vão ser aplicadas à rede de transportes públicos. É a Europa mais perto. Mas ainda há mais a fazer...

#### ANDRÉ FERREIRA

ANDRE FERREIRA
Director executivo da Endutex

#### A FRASE "..."

"A entrada do grupo Endutex no mercado imobiliário em Guimarães deu-se por feliz coincidência e por se efectuar em projectos emblemáticos."

O investimento no imobiliário e urbanismo em Guimarães tem já um volume assinalável, não apenas de projectos como em milhares de euros. E há outros na calha, em estudo e em fase de projecto e outros ainda a sujeitarem-se ao crivo de apreciação de autarquia. Há muitos empresários vimaranenses a fazerem as suas opções de investimento neste sector e que justificam

#### **PROTAGONISTAS**



decisões mais céleres sobre pedidos às entidades públicas merecendo um olhar diferente sobre este dinamismo empresarial que não se pode encarar como se fosse uma mera rotina. O tempo do "tanto faz agora como logo", já lá vai e as cidades são concorrenciais e competitivas entre si na disputa do investimento que crie emprego e têm de dar resposta rápida e clara às solicitações.



04 GUIMARÃES, AGORA! GUIMARAESAGORA.COM | MARÇO 2019

#### **INVESTIMENTO**

Endutex e Vítor Abreu lideram investimento privado

# Investimento de 60 milhões em imobiliário

O grupo Endutex, por um lado, e Vítor Abreu, por outro, estão a investir, cerca de 60 milhões de euros, em empreendimentos imobiliários que marcarão a cidade de Guimarães do século XXI.

Texto de: José Eduardo Guimarães

a compra e transformação de edifícios na cidade, o grupo Endutex e o empresário Vítor Abreu administradordaquele grupo - dividem entre

si um investimento a rondar os 60 milhões de euros.

É o maior e mais recente esforço de investimento do sector privado realizado em Guimarães que perdurará até 2022 quando se der por concluída a Urbanização do Cavalinho.

O grupo têxtil de Santo Tirso - com fortes ligações e afinidades a Guimarães - já investiu 2,75 milhões na compra do Monte do Cavalinho e prepara-se para gastar mais 3,25 milhões nas infra-estruturas. A obra total pode chegar aos 40 milhões.

André Ferreira, director executivo para a área de hotelaria e imobiliário, afirma que o grupo Endutex chegou tarde a Guimarães por já ter uma carteira de investimentos noutras cidades - o mais recente foi num hotel em Évora. Mas ainda a tempo de intervir na transformação da cidade numa altura em que há um dinamismo local sem precedentes.

Com intervenções no imobiliário absolutamente "oportunistícas", a entrada no mercado imobiliário do grupo "deu-se por feliz coincidência e por se efectuar em projectos emblemáticos".

Sobre a Urbanização do Cavalinho - que mudará de nome

antes da conclusão do novo projecto - André Ferreira declara que o grupo Endutex o encarou como "um projecto interessante, por ter características únicas". E lançará na sua implementação desafios interessantes quer do ponto de vista arquitectónico quer de urbanismo ambiental. O director executivo do grupo promotor não tem dúvidas de que "criará uma zona nova na cidade" a cinco minutos da praça do Toural. O que significará morar no centro mas fora dele e da azáfama natural de um polo central.

A nova urbanização tem tudo para "*marcar a cidade*" pela sua implantação, constituindo-se numa nova malha urbana, pelo impacto no ambiente e na mobilidade, no imobiliário e na vida da cidade, estando o grupo Endutex empenhado em fazer algo de exemplar, aproveitando não apenas as condições naturais do terreno mas as transformações que o projecto a cargo do



gabinete Pitágoras complementará o estudo elaborado por Marta de La Bastida, da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho (UM).

O director executivo do grupo promotor, afirma que será usado na concepção da nova urbanização "o modelo elaborado pela UM como base de trabalho por fazer sentido enquanto documento estratégico", de modo a que "quando começar a ser implementado no terreno não surjam alterações de monta".

Graças ao diálogo que foi possível estabelecer com o Município que cedo definiu o que pretende para aquela área quer

O modelo elaborado pela

> documento estratégico."

UM como base de trabalho por fazer sentido enquanto

A Endutex quer orgulhar-se do projecto que vai apresentar para o Monte Cavalinho



como espaço público, quer como densidade, quer em termos de funcionalidade, quer, finalmente, como parque natural e verde, a nova urbanização conta já com a anuência e apoio dos partidos políticos com assento na Câmara e Assembleia Municipal, numa espécie de acordo de regime, que pode também tornar-se em mais um exemplo de como se deve processar o diálogo e cooperação entre a autarquia e os investi-

A calendarização das fases em que se desenvolverá o empreendimento já está definida e no imediato foi feita a limpeza dos terrenos, erradicando as espécies vegetais sem qualquer valor paisagístico e ambiental. Também já foi feito um novo levantamento topográfico - por oposição ao anterior que era menos rigoroso- que define melhor o tipo de terreno onde se desenvolve o loteamento e onde assentam todas as operações a concretizar. Nos próximos dias, já se começam a conhecer algumas ideias do projecto. Entre elas a valorização do espaço de bosque e a sua utilização pela população, uma vez que despida da anterior densidade, haverá mais espaço comum para usufruto de residentes e não residentes.

A agora Urbanização do Monte de Cavalinho prosseguirá em duas fases: a primeira foi a da compra do terreno e a definição básica da sua ocupação, a elaboração do projecto definitivo; a segunda será a da realização da

André Ferreira, reconhecendo, entretanto, a dinâmica do grupo Endutex - sempre dependente do mercado acredita que nos próximos 30 meses, o projecto ficará concluído. E a opção por novos investimentos em Guimarães fica, por agora, arrumada apesar de o grupo agir e reagir em função das flutuações do mercado como é seu timbre e prática.

#### Urbanização do Cavalinho quer ser uma nova centralidade

# Hotel, habitação, escritórios e parque verde

ará todo o sentido construir um hotel, da cadeia do grupo Endutex, naquela urbanização. André Ferreira acredita que tal objectivo não ofenderá a utilização do solo que consta do estudo elaborado pela Universi-

dade do Minho.

Revela que Marta de La Bastida, autora do estudo, "foi liberal em termos de uso do terreno". De certo modo, o hotel condicionaria a fixação naquela urbanização de uma "zona dormitório" que não sendo objectivo poderia limitar a ambição do projecto que está a ser elaborado. Com esta escala, a nova urbanização cumprirá mais o papel de "nova centralidade" só por si. O director executivo da Endutex mostra-se convicto de que Guimarães não tem condições para ser - nem deve ser - uma zona dormitório. "Quem quer fazer dormitório não faz crescimento" - defende, convicto de que a sua ideia não impede a fixação do pequeno comércio, de equipamentos como ginásios ou clínicas, num mix de usos que complementarão a habitação que, no caso da Urbanização do Monte de Cavalinho, ocupará uma área de 60% do loteamento, onde se incluem os

alojamentos para estudantes.

O que o projecto persegue é primordialmente usos diferentes de habitação, uma área de sustentabilidade assente na qualidade de vida. E a de servir de contributo a uma nova malha urbana.

E até a área de serviços que o projecto contemplará tem como filosofia a de aproximar as pessoas do seu local de trabalho, sem as obrigar a grandes deslocações em viatura própria ou nos transportes públicos.

"Sentimos fortemente que Guimarães já é procurado para que se possam instalar aqui serviços" - sustenta André Ferreira - acentuando o facto de

"Guimarães já é procurada para que se possam instalar aqui serviços.



"Guimarães já ser procurada por ser uma cidade especial em muitos aspectos", o que possibilita que se possa "morar" junto ou perto do local de trabalho. André Ferreira dá o exemplo de Oeiras onde se concentram-se muitos serviços e quem lá trabalha prefere gozar da qualidade de vida de Oeiras fixando-se ali, em detrimento da de Lisboa. Mas para André Ferreira não são apenas os locais ou nacionais que desejam "morar" em Guimarães, Há já alguns cidadãos estrangeiros a dizer "adoro" a cidade berço e que "querem vir para cá", sendo que alguns desses novos residentes podem trazer serviços, como os do call-center que está instalado na Avenida Conde de Margaride.

#### Interessados na ex-garagem Joalpi

A ex-garagem Joalpi, representou um investimento de 800 mil euros, e a sua ocupação tende a normalizar-se após uma indefinição da procura. Há empresas de fora que se podem instalar ali; há potenciais investidores canadianos e americanos a quem uma aposta de investimento naquele espaço pode interessar, seguindo um outro já feito no Porto, em residências universi-

Mas o curioso é que os investidores estrangeiros chegam



Na ex-garagem Joalpi pode instalar-se um nicho de empresas

via Endutex que para além de vender produtos têxteis também incentiva negócios dos seus clientes noutros ramos em Portugal, o que tornam aquela empresa numa espécie de agência para a captação de investimento. Um lobi perfeito e original.

#### **Edifício dos CTT** pode ter multiusos

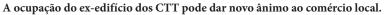
O antigo edifício dos CTT na Rua de Santo António, desocupado no momento, também pode conhecer uma nova história. Na carteira de intenções de negócio há várias opções, de modo a que se possa rentabilizar o investimento de cerca de 3 milhões de euros feito naquele

espaço.

Se o edifício na sua totalidade interessa a grupos hoteleiros, também há a possibilidade de uma segunda opção para instalar comércio no rés-do-chão, instalar serviços nos edifícios superiores. deixando o último piso para uso turístico que o próprio grupo Endutex poderia explorar.

Sobre a fachada do edifício e sem querer fazer réplicas da antiga, André Ferreira admite que o uso que se fizer do interior do edifício pode ditar alterações na fachada, por tecnicamente serem possíveis. O interior também pode permitir várias soluções de uso, uma vez que as soluções estruturais boas para a época ainda permitem as modificações que venham ser necessárias.

De parte, está a aquisição do edifício da Altice para agregar na mesma propriedade o edifício dos CTT. A complexidade técnica de uma mudança da estação dos TLP para outra local, tem custos incomportáveis para a operadora telefónica com questões técnicas para as quais não seria fácil encontrar solução.







06 GUIMARÃES, AGORA! GUIMARAESAGORA.COM | MARÇO 2019

#### **ENTREVISTA**



Trânsito controlado e regulado em todas as ruas

# Mais cidade para as pessoas

▶ Seara de Sá sustenta que a Câmara Municipal tem um novo olhar para o urbanismo e centro histórico, baseado em critérios com os quais abordará o que deve ser o futuro da cidade. É com esse olhar que serão encaradas as novas transformações do território, o uso e ocupação do solo, de modo a aplicar uma política de gestão urbanística que não ofenda mais o sentir dos cidadãos vimaranenses que continuam a olhar de lado para algumas opções e operações urbanísticas e tire partido das infra-estruturas já instaladas; será com esse novo olhar que encarará o povoamento da encosta da Penha através de um estudo específico, preterindo mais soluções colectivas e menos soluções individuais no processo de densificação do sopé da montanha.

Nesta entrevista, o vereador do Urbanismo mostra-se adepto de uma cidade mais partilhada e usada pelos pessoas, apesar de entender que o automóvel deve andar serpenteando o centro histórico mais como ferramenta ao serviços dos moradores e comerciantes do que veículo de passeio e uso banal. Com o PMUS os cidadãos vão ser reis da cidade e do espaço urbano com passeios mais largos e velocidades controladas dos automóveis e com acesso ao centro histórico ainda mais controlado. No essencial, Seará de Sá quer ver os cidadãos a gozarem a cidade histórica, patrimonial e de cultura com as valências de uma sociedade do conhecimento e de sustentailidade ambiental.

Texto de: José Eduardo Guimarães

Guimarães, agora! - Doravante, como vai encarar, no âmbito do seu pelouro, os pedidos dos cidadãos e das empresas? Seara de Sá - O que fica já claro, desde já, é que vamos usar e utilizar o nosso poder de administração esclarecendo os cidadãos sobre quais são os nossos critérios com os quais vamos responder ao que nos solicitam. É com esses critérios que vamos planear e ordenar urbanisticamente a cidade e o concelho. Para já, pretendemos que haja uma densificação do território nas áreas onde restam espaços em branco entre imóveis, em zonas urbanizáveis. O futuro da cidade vai passar por aí - e por outras transformações que estiveram em discussão pública - ou seja que "essas páginas brancas do território sejam escritas" e o solo seja ocupado e as infra-estruturas usadas em pleno. Esta opção responde ao que se classifica de que as casas se espalham de forma aleatória pelo território.

#### GA - É isso que identifica o seu conceito de densificação?

SS - Claramente, não podemos continuar a fazer má-gestão de infra-estruturas, com as redes de água, saneamento e recolha de lixo, entre outras. Esse processo tem de acompanhar o que fazemos na área da mobilidade, tornando possível que as pessoas não fiquem muito longe dos seus locais de trabalho.

# GA - E os proprietários não querem tapar esses buracos "brancos"?

SS - Estamos a tentar dialogar e encontrar soluções e enquadrar as soluções no âmbito de desenvolvimento de áreas prioritárias. A Câmara e os proprietários têm de tomar a iniciativa e dar respostas aos problemas que vamos enfrentar, na área do urbanismo, nos próximos tempos. Há já algumas respostas para os processos de transformação que são necessários e inevitáveis em áreas da cidade, quase centrais ou em núcleos de desenvolvimento

#### **ENTREVISTA**



Seara de Sá vai estimular o fechamento de alguns buracos entre edifícios.

forte como é o espaço me redor do Campus de Azurém da Universidade do Minho.

#### GA - Curiosamente é nessas zonas onde o dinamismo local está mais adormecido...

SS - Mas há ali oportunidades importantes e alguns promotores já pressentiram isso e estamos a induzir outros para agarrarem esta oportunidade.

GA - Há algum modelo para essa intervenção? O que se quer mais habitação, mais serviços?

SS - De todo, o que queremos é que Guimarães seja uma cidade agradável para se viver. Não temos dados estatísticos, nem estudos científicos mas pressentimos a cidade que queremos. Sabemos que a cidade precisa de respostas ao nível da habitação com alojamentos a preços mais acessíveis. Os pedidos que chegam à Câmara são dessa ordem, apesar de se notar que há mais pedidos de habitação topo de gama, sempre para um mercado mais pequeno. A cidade não pode apenas responder de forma activa para mercado de

Sabemos que a cidade precisa de respostas ao nível da habitação com alojamentos a preços mais acessíveis.



habitação de luxo. São necessárias respostas para outras solicitações do mercado como a de habitação acessível para estudantes e para outras franjas da população. Também é preciso que se intervenha no mercado da habitação para arrendamento e não apenas para o de habitação própria- um mercado que não responde a situações de mobilidade.

#### GA - E não há outros nichos?

SS - Há também para um tipo de mercado destinado aos seniores, vulgo idosos da nossa cidade, dado o envelhecimento da população mas é um mercado que tem potencialidade e não tem sido utilizado. Temos alguma estratégia para valorizar este segmento.

#### GA - Não sente que faltam mais serviços?

SS - Sim, estas coisas estão ligadas. Guimarães tem-se definido como cidade de história, património e cultura e agora de conhecimento, temos de nos preparar para responder a todas as solicitações, sem saber se vamos ou não ter uma cidade de servicos. Mas vamos ter de robustecer as áreas onde somos mais frágeis, com o pressuposto no futuro, tal como já temos já noutras áreas. Importa ter uma cidade de comércio, serviços, actividades económicas muito ligadas à cidade urbana.

#### GA - Isso é apenas um desejo?

SS - Nesse desejo teremos de ter alguma criatividade na abordagem do problema e também uma contra-parte, isto é, alguém que, no mercado, possa com o seu dinamismo dar respostas às solicitações sempre de forma criativa e interessante. Há que pôr uma tónica forte na construção e urbanização em processos permanentes de requalificação. Já fizemos isso de forma acertada no Centro Histórico, olhamos para aquela parcela do território antes do tempo: acertamos na escolha do modelo da renovação patrimonial pelo discurso da reabilitação, na recuperação do património existente e da sua manutenção como também podíamos ter olhado numa lógica de reabilitação e de economia circular como se faz hoje.

#### GA - O futuro da cidade passa, no entretanto, por...

SS - ... que a cidade se desenvolva muito, no futuro, não apenas preenchendo os seus vazios, densificando-se mas usando e utilizando processos de reabilitação e de economia circular... reutilizar, reduzir, reusar. Em termos de construção, a ordem é reabilitar, reconstruir, refuncionalizar e fazendo estes caminhos não apenas na área patrimonial como noutras áreas.

#### GA - Que exemplos pressente?

SS - Está lançado o repto aos donos de alguns contentores industriais que sobraram do século XIX, situados na malha urbana, passíveis de reabilitação, podendo ser reeditados, refuncionalizados sem absorverem as características e programas do passado, podendo ter outro tipo e mesmo novos usos. Só depende da criatividade dos seus donos e promotores. E nós daremos a nossa opinião, de forma a colaborar para atingir os objectivos de todos.





08 guimaraesa, agora!

#### **ENTREVISTA**

#### PDM definidor da política de urbanismo

# Corrigir "encantamento" pelo disperso

# GA - Guimarães é uma cidade ordenada e planeada em termos urbanísticos?

SS - Sem fazer polémicas, acho que sim. Há um trabalho de ordenamento do território que tem sido bem sucedido. E que afecta a cidade com um êxito visível. Porventura haverá sempre zonas onde essas questões são menos pacíficas ou menos patentes e onde as opções foram menos assertivas.

#### GA - O que pode impedir em Guimarães um êxito total nessa avaliação?

SS - A aposta na dispersão que é uma característica da zona de minifúndio em que nos inserimos. A última versão do PDM corrigiu em parte a tendência de fazer um caminho de encantamento... do nosso disperso, apesar dos problemas daí resultantes no ordenamento e planeamento do território.

#### GA - Apesar disso...

SS - Não acho que vivamos numa cidade desagradável, ciente de que pode haver alguns momentos menos interessantes e desagradáveis. Se nos focarmos no que é fundamental e menos no que é acessório, teremos uma aposta da Câmara no espaço público comum a todos com o qual nos vamos preocupar ainda mais nos próximos anos. E não olhar só para a construção...

#### GA - Concretamente...

SS - Todos os processos que passam internamente na Câmara e o que se passa de fora para dentro na gestão urbanística e nos licenciamentos que se concedem - o foco deve estar centrado mais do que no edifício mas no que resulta entre os edifícios, no espaço público que deve ser altamente qualificado. Temos bons exemplos e este caminho será prosseguido, a recuperação do Centro Histórico será inquestionável e está assente no tratamento das

ruas e praças públicas, numa espécie de contrato social entre o Município e a comunidade, com responsabilidades repartidas: a Câmara assume a infra-estrutura pública e os privados recuperam os edifícios.

#### GA - Quem anda mais à frente nesta corrida e parceria?

SS - Não anda ninguém à frente, anda-se a par porque é única forma de fazer as coisas. A Câmara não tem de impôr os seus processos de visão do território. O que se consegue, doutro modo, é pela colaboração e cooperação: a Câmara com a responsabilidade do licenciamento e nas autorizações de ocupação do território - onde deve liderar - e a comunidade envolvida neste processo. Só assim se conseguem resultados.

# GA - Guimarães é ou não um território coeso, tanto económica como socialmente?

SS - Temos bons indicadores a esse nível, porém não está tudo feito. Portanto, somos uma realidade mutável e a ter mais objectivos nessa coesão transversal, resolvendo os problemas da mobilidade, estruturando e ordenando o território. Continuamos a fazer esse caminho, conscientes que do ponto de vista económico e social há desigualdades à volta.

#### GA - Por exemplo, a recuperação do Centro Histórico reforçou a coesão social...

SS - A recuperação do Centro Histórico foi uma resposta a uma necessidade social. E um reconhecimento do seu valor e que precisava de ser reabilitado e valorizado para sedimentar a coesão territorial. Outras partes do território concelhio não tiveram a mesma atenção e a mesma presença da Câmara mas isso está a ser feito agora. Espero que neste mandato, a Câmara possa corresponder a alguns anseios, sobretudo nas Taipas onde o centro da vila vai ser recuperado

e tornar-se factor de coesão e motor de reabilitação daquele espaço todo, segundo o modelo de recuperação do Centro Histórico que se espera ver também replicado no concelho.

Não anda ninguém à frente, anda-se a par porque é única forma de fazer as coisas."

# GA - O que espera desta recuperação do centro da vila Termal?

SS - Para além do que disse tenho notado, com prazer, que há um trabalho de reabilitação de caminhos já feito, uma abordagem notável ao que se consideram caminhos rurais que já não apenas melhorados com camadas de pavimento betuminoso mas se intervém noutra abordagem - de fazer passeios para as pessoas - apesar de a largura não ser a melhor. Noto aqui uma transformação qualitativa ou seja uma intervenção num adro da igreja,

"A recuperação do Centro Histórico foi uma resposta a uma necessidade social.



como se fosse na cidade. Registo essa coesão territorial na maneira como olhamos para o território e às suas diversas componentes.

#### GA - Quais são, então as bases da política municipal de urbanismo para a diversidade do território?

SS - O PDM - Plano Director Municipal - é a "constituição" dessa política e da existência dela. Não teria sentido a Câmara não ter um instrumento desta natureza, com objectivos de médio e longo prazo. Não há dúvidas de que o PDM define como o território é ordenado e enquanto instrumento de planeamento informa os cidadãos do que podem ou não fazer no seu terreno. Até para mostrar que não é uma lógica de descricionariedade que move as decisões de licenciamento. É com este instrumento - e há outros, sendo o mais recente o da mobilidade urbana - que a Câmara configura a sua resposta às perguntas das pessoas.

# GA - De certa forma, o PDM define a visão da cidade e do território...

SS - Sim, mas a visão que a Câmara têm sobre o seu território não passa apenas por questões tangíveis como sejam as construções. Através de processos de educação, acção social, cultura, a Câmara cria comunidades que se querem robustas, autónomas, e tenham sentido de futuro. É isso que nos distingue como cidade e concelho. Esta visão do território assenta em todas estas premissas mas também em intervir através de mecanismos diversos, de modo a antecipar, prever e estruturar o que pode ser o desenvolvimento económico do concelho e o que pode fazer em termos de educação. Esta visão partilhada tem de contaminar a sociedade no seu todo. Ao propor à Universidade um novo campus no centro da cidade, a Câmara resolvia o problema de uso de uma parte do território - zona de Couros - mas a intervir definindo qual é o uso mais adequado para a actividade de educação e do conhecimento, robustecendo, assim, o núcleo de Guimarães da UM, o que nos interessa particularmente.



#### ENTREVISTA

#### A cidade (impossível) dos 100 mil habitantes

# Crescer mais em qualidade de vida

▶ Que cidade? Que perímetro urbano? Que crescimento? Apostar na qualidade de vida é prioridade porque satisfaz mais os cidadãos apesar de se saber que, no futuro, a cidades poderão ser mais importantes que os Estados.

#### GA- Guimarães é território para ter um núcleo citadino de 100 mil habitantes?

SS - Não acho que esse possa ser um objectivo atingível. E, na minha opinião, não acho que o pode ser ou mesmo se queria ter uma cidade com essa dimensão populacional. A força das cidades, hoje, não está estritamente ligada à sua dimensão populacional. Porquê 100 mil, 75 ou 150 mil? Qual é o momento em que a cidade passa a ser mais cidade ou menos cidade? Não é por aí que devemos ir...

GA - A estrutura policêntrica das cidades da UE - União Europeia - é de menos de 100 mil habitantes...

SS - Estamos a falar da UE da



As cidades portuguesas são em média bem mais pequenas que as cidade médias europeias, pela natureza do seu território."

Europa Central que vai de Itália ao Reino Unido que foi sempre um eixo urbano forte? Ou comparar com os vizinhos espanhóis que tem uma lógica diferente em termos de território - formado ao longo do tempo? As cidades portuguesas são em média bem mais pequenas que as cidade médias europeias, pela natureza do seu território.

#### GA - E então Guimarães onde fica?

SS - Guimarães é um bom exemplo: é uma cidade pequena em termos europeus, uma cidade média em Portugal mas sendo pequena não significa que não seja activa, participativa, que não tenha programas e que não procure desenvolver um conjunto de acções em benefício dos seus cidadãos.

#### GA - Diria mais...

SS - Claro, não poria, porém, a tónica de que Guimarães devesse crescer do ponto de vista da quantidade mas sim de crescer do ponto de vista da qualidade. É aí que devemos apostar, até porque crescimento populacional é decrescente e as cidades não vão crescer à custa de uma população que está a diminuir e a envelhecer.

#### GA - Uma cidade sustentável, inteligente e inclusiva, não é?

SS - São essas as palavras que temos de usar. Crescer mais na qualificação dos cidadãos através da educação, estimular a sua participação nos eventos culturais, tornar-se mais robusta e com uma economia melhor. O crescimento deve ser antes criativo em outras áreas, tornar-se evidente na qualidade de vida das pessoas e não ter um perímetro urbano tal com uma quantidade de cidadãos xis.

# GA - À luz de opiniões diversas e de fora, Guimarães é um território agradável...

SS - Partilho uma opinião de um cidadão inglês sobre a cidade. Dizia-me que Guimarães era uma cidade que dava um murro acima do seu peso, uma cidade pequena mas que ambicionava sempre fazer coisas que estão um pouco à frente.

#### GA - O futuro, hoje, já revela que as cidades são o espelho do desenvolvimento...

**SS** - A tendência revelará que as cidades se tornarão mais impor-

tantes que os próprios países. O Estado definidor de tudo pode ser absorvido pelas comunidades citadinas. E a competição será mais entre cidades do que entre países. O presidente Domingos Bragança costuma dizer que a cidade se define juntando camadas.... começamos pela defesa do património, pela cidade de cultura e de conhecimento, mais sustentável em termos ambientais....

#### GA - Com mais desporto...

SS - ... com mais de tudo sobretudo com uma qualidade de vida assente em aspectos de sustentabilidade económica, social e ambiental. Quando se fala em Guimarães Verde e agora até se fala Guimarães mais que Verde, a tónica não é só no ambiente. Isso é que é definidor do nosso futuro. Ouvi - vindo da ONU - a certeza de daqui por xis anos, 80 ou 90% da população vai viver nas cidades. Mas em que cidades? Se olharmos à nossa volta vemos um certo tipo de cidades, á volta de Lisboa outro tipo, de Paris, Londres ou África e Ásia cidades onde a vida é mais dura e difer-

#### Sem fazer de conta

# Olhar para a Penha

A

densificação construtiva, a construção quase selvática, a instalação de modelos individuais que não representação qualquer solução colecti-

va, têm vindo a mostrar o sopé da montanha da Penha como um espaço multi-forme, descolorido, desregrado, mau para a vista.

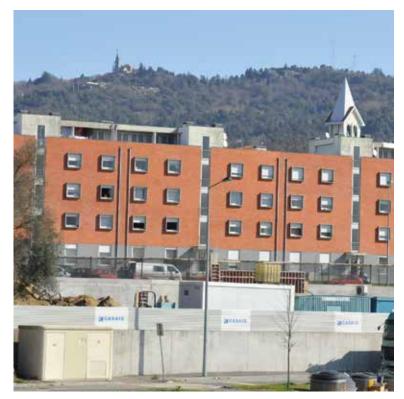
O vereador do Urbanismo admite ter chegado a hora de a Câmara usar outros critérios para a densificação daquela área urbanística.

"Vamos olhar de novo para o que está a acontecer, através de um estudo específico daquela área mais alta da cidade, não apenas do ponto de vista do urbanismo regulamentar ou de paisagem mas fazer um abordagem distinta de uma zona densamente ocupada" - defende Seara de Sá.

O que se pretende é ter mais cuidado com "as respostas" que se dão, utilizando condicionantes mais apertadas para os pedidos de licenciamento e ocupação e uso do solo. E disciplinar a ocupação sobretudo da área de

S. Roque.

"Não queremos que o que se construa na zona intermédia da Penha seja o somatório de soluções individuais de construção mas antes o resultado de uma intervenção mais colectiva, com uma densificação adequada e salvaguardada por regras de ocupação calibradas, sem que o que quer que se construa prejudique a imagem da cidade no processo de desenvolvimento do seu território" - aponta Seara de Sá como procedimento que há-de ser agilizado nos serviços que dirige.



O vereador promete ficar atento ao que se fará, doravante, no sopé Penha.

10 GUIMARÃES, AGORA! GUIMARAESAGORA.COM | MARÇO 2019

#### **ENTREVISTA**

Há uma boa carteira de projectos em apreciação

# Empresários de Guimarães mais activos

GA - A dinâmica dos empreendedores e promotores do desenvolvimento em Guimarães é sinal de que há bons empreendedores e pessoas interessadas em mudar a paisagem da cidade.

SS - Sim, não há dúvidas de que o empresariado vimaranense procura abrir os cordões à bolsa e estimula o mercado com intenções e apostas de investimento como já não se via há algum tempo.

#### GA - Como interpreta esse sinal?

SS - De que podemos contar com eles para acelerar uma parte do crescimento que o concelho precisa, de que há oportunidades para apostas de qualidade e para mais apostas de investimento. Guimarães definiu-se como um território têxtil, as empresas apostaram e apesar da perda de competitividade ressurgiram pela modernização, pondo fim ao dogma de que as indústrias tradicionais não tinham futuro. Foi um fim prematuro que hoje prova-se não tinha razão de ser.

#### GA - E o que se vê agora?

SS - Pela força e engenho e qualidade dos empreendedores, muita da indústria ligada ao têxtil, calçado e cutelaria mudou, requalificando-se e apostando na tecnologia e no conhecimento para acrescentar valor aos seus produtos e melhorar até os seus sistemas produtivos e redimensionando as próprias empresas.

#### GA - O que espera desses empreendedores?

**SS** - Desses e de outros, espero que façam e empreendam e que contem com a Câmara porque nós estamos cá para ajudar.

#### GA - Só isso?

SS - Mais do que isto? Está tudo dito e vê-se por aí que não falta iniciativa empresarial que em breve pode evidenciar projectos de excelente valor. Mas vamos Nota-se uma agitação positiva de empresários e de empreendedores locais em dinamizar negócios diversos tendo em vista o aumento do investimento. Há por aí vários exemplos que não cobrem só o imobiliário. E os projectos podem começar, dentro de momentos...



esperar pela sua concretização.

#### GA - A Câmara está preparada para "despachar" - de forma célere - os inúmeros pedidos que lhe chegam quer sejam projectos imobiliários, industriais ou outros?

**SS** - Não devo dizer mais do que uma coisa simples: nós estamos cá - e prontos - para ajudar.

# GA - No entanto, nota que há mais dinâmica na construção local, com mais processos a entrar na Câmara?

SS - Os funcionários queixam-se de ter muito trabalho. Isso é sinónimo de alguma coisa. E não é por a complexidade burocrática ter aumentado, os procedimentos são os mesmos e nota-se nos últimos dois anos um incremento de processos que...adormeceram no período de crise.

#### GA - Mas persistem sinais e queixas de que o tempo das decisões... é moroso!

**SS** - Percebemos e entendemos essa percepção. São questões

((

Não falta iniciativa empresarial que em breve pode evidenciar projectos de excelente valor."

aliás em que estamos sempre a reflectir. Sempre ouvi queixas desse tipo.

#### GA - E que significam...

SS - Significa que a percepção do lado de fora não é igual à do lado de dentro. Eu também já tive essa percepção de fora para dentro quando trabalhava no gabinete de arquitectura. E muitas vezes

a percepção que se tem é que as coisas demoram muito tempo...

#### GA - ...algumas...

SS - ... umas muito, outras pouco. Contudo, este trabalho só pode ser feito, dividindo responsabilidades. Nós não vamos alijar as nossas mas vamos continuar a ter respostas para o que nos é perguntado. Continuo a dizer que a capacidade construtiva de cada parcela de terreno é determinada pela Câmara e pelos instrumentos de gestão urbanística. A Câmara concede uma licença para fazer uma obra, autoriza uma operação de loteamento através de um alvará mas isto tem um tempo burocrático para ser feito. É um processo permanente e tem algumas atropelias que vamos

#### GA - Com a cooperação dos promotores naturalmente...

SS - Dos promotores, dos técnicos, de todos, divido as tais responsabilidades, Isto é a solução. As pessoas perguntam-nos o que podem construir, nós temos o tempo para decidir, apesar de se saber pelo PDM o que pode ser feito ou não, na maioria dos casos. Digo que a burocracia só existe para facilitar processos porque cria um guião de procedimentos e regras que se cumpridas nos obriga a dar uma resposta mais célere, clara e precisa, um sim ou um não. E era bom que os processos nos chegassem perfeitamente impecáveis e cumprindo todos os quesitos. Muito do tempo perdido pelos serviços é na conformação dos pedidos e dos processos, de acordo com a lei.

#### GA - Nota-se que está a rechaçar as críticas que se ouvem...

SS - Não... não estou a imputar responsabilidades a ninguém porque as há, de ambas as partes. Quem vai à Câmara tem de olhar para os processos numa perspectiva de resposta para que os técnicos o façam na perspectiva de uma pergunta. A pergunta tem de ser bem feita, de forma clara e precisa para que a resposta seja do mesmo tipo. Quando conseguirmos ajustar estas duas realidades, de forma harmoniosa, conseguiremos ter redução de tempos de decisão porque o objectivo é mesmo reduzir o tempo de resposta. É bom que as

pessoas façam as perguntas que devem fazer... porque muitas das respostas já foram dadas...

#### GA - ...consultando o PDM...

**SS** - ...por exemplo... quando nos perguntam se em determinado sítio podem construir um determinado empreendimento em boa medida a resposta já está no PDM, pelo menos naquilo que é possível. Há sempre uma margem de discricionariedade que tem de se traduzir num diálogo racional entre a Câmara e os promotores, explicando porque se decide assim e não de outra maneira. Se nos entregam um processo em que a resposta já se sabe que será um não como se pudesse ser um sim e a decisão estivesse na nossa mão... mas não temos solução

#### GA - Espera decisões mais céleres quando o processo de licenciamento for totalmente digital?

SS - Se perguntar aos técnicos e aos promotores, eles vão dizer que o tempo de espera da decisão é muito bom. Para nós, o tempo começa a contar quando o processo é entregue. Contudo, vamos aproveitar a oportunidade de apresentação de processos pela via digital e com essa transição ganhar algumas vantagens. E tudo será feito em colaboração com os autores dos projectos.

#### GA - Essa é a reforma mais importante?

SS - Em termos de tramitação de processos é. Vamos ver quão rápido o podemos fazer. É um objectivo pessoal que assumo, de modo a que tudo seja tratado num prazo razoável e mais curto.

#### GA - E o Simplex não ajudou a nada?

SS - Lembro-me de que quando comecei a trabalhar, um processo de licenciamento era constituído por poucos documentos. Houve, entretanto, um caminho em dois sentidos: por um lado na clarificação genérica do que se deve entregar, isso é do Simplex; por outro percebeu-se que a quantidade de documentos a entregar é mais extensa do que há 30 anos. Faz-se um caminho da simplicidade e da complexidade ao mesmo tempo. É um desencontro de estranhos!

#### **NOVAS VALÊNCIAS**

➤ Tal como ontem também hoje o edifício onde funciona o Tribunal das Varas Mistas já não serve. E vem aí um novo "Campus da Justiça", a construir durante os próximos três anos, e com um valor estimado de 10,6 milhões de euros.

#### Novo tribunal deverá estar pronto até 2022

## 'Campus de Justiça" em nova área urbana da cidade

s deficiências

de espaço e de funcionalidade que existem no actual edifício afecto aos Juízos Centrais Cíveis da Comarca de Guimarães", em Creixomil, são a

causa principal para o Ministério da Justiça justificar o investimento na construção de um edifício de raíz, em lotes da quinta do Outeiro, na zona do parque da cidade.

A Ministra da Justiça, Francisca Van Dunem, homologou o contrato que o Município firmou com o IGFEJ - Instituto de Gestão Financeira e Equipamentos da Justiça, IP - e colocou um ponto final na escolha do local do chamado "Campus de Justiça", em Guimarães.

A partir de agora, e já com a tarefa atribuída à escola de Arquitectura, da Universidade do Minho, de elaborar o estudo de concepção do novo edifício, o processo segue com a constituição do direito de superfície, por 50 anos - renováveis por períodos de mais 10 anos - dos dois lotes com a área de 1985 m2 onde se implantará o campus de justiça, com uma área útil de cerca de 4, 446m2 e terá um custo de cerca de 10,6 milhões de euros.

O campus da justiça poderá entrar em funcionamento e ser inaugurado em 2022 ou no ano seguinte, uma vez que



foi fixado o prazo de três anos para o início da construção da obra, contado a partir da data do visto do Tribunal de Contas ao contrato de constituição de direito de superfície. No entretanto, a Câmara também pondera alterar o loteamento da quinta do Outeiro, onde se inscrevem os dois lotes a ceder ao IGJEF, por se entender que, em termos burocráticos, o processo seguirá melhor os seus trâmites se o terreno for fundido num só lote.

A solução encontrada

para a construção do novo espaço dos Tribunais Cíveis da Comarca de Guimarães agrada ao Município que encontra um modo de terminar com os constrangimentos do funcionamento das Varas Mistas, em Creixomil, processo envolvido em polémica e em que os interesses do Estado não foram melhor defendidos; por outro, agrada ao Ministério de Justiça que continua a tomar "as medidas necessárias ao bom funcionamento dos serviços de justiça".



#### Cooperação entre Município e Governo

## Agradecimentos mútuos

Domingos Bragança declarou, no acto de assinatura do protocolo de cooperação com o IGFEJ, que havia uma "necessidade" de melhorar as infra-estruturas da Justiça, em Guimarães.

"Estamos a dar o nosso contributo para resolver uma necessidade sentida na área da Justiça em Guimarães. E importava dar passos nesse sentido, sendo que este protocolo com o IGFEJ é decisivo para acelerar a construção do novo espaço. Vamos prestar a maior atenção ao processo que levará até ao início da obra, de modo a garantir o empenho das

entidades envolvidas na sua concretização".

O presidente da Câmara sublinhou a importância da "cooperação" entre Município e Governo na área da Justiça - uma prática que envolveu já outros governos - e que permite resolver as questões num sector essencial da sociedade portuguesa e de Guimarães.

A ministra da Justiça, Francisca Van Dunem, agradeceu a colaboração do Município de Guimarães por entender que é justo e devido esse agradecimento, acto que classificou de "enorme generosidade", uma forma de as entidades "se articularem para poder servir melhor as popu-

Francisca Van Dunem defendeu que "a dignidade das instalações dos tribunais, é uma exigência não apenas de estilo mas de funcionalidade".

No novo espaço da Justiça, em Guimarães, ficarão instalados os Tribunais Cíveis da Comarca de Guimarães. com as valências da Família e Menores, do Trabalho, Comércio e Execuções, incluindo as criminais.



Ministra da Justiça agradeceu colaboração do Município.

12 GUIMARÃES, AGORA! GUIMARAESAGORA.COM | MARÇO 2019

#### TRANSPORTES PÚBLICOS

#### UE quer mais concorrência nos transportes

# Nova concessão adjudicada segundo regras europeias

Texto de: José Eduardo Guimarães

► As concessões do serviço público de transportes de passageiros vão obedecer às regras da União Europeia (regulamento CE n.º 1370/2007) e visam a prestação de um melhor serviço, a melhoria da frota e preços mais baixos.

novo desenho da rede de transportes públicos em Guimarães já está alinhavado. O plano para a exploração do serviço publico de transporte

rodoviário de passageiros apresentado na última reunião da Câmara vai ser discutido numa sessão pública, em 27 de Março, na Escola Francisco de Holanda.

O novo enquadramento jurídico dos transportes rodoviários de passageiros resulta dos Tratados da UE onde se define que "as empresas encarregadas da gestão de serviços de interesse económico geral ficam submetidas às regras de concorrência". E persegue "objectivos que visam garantir serviços de transportes de passageiros seguros, eficazes e de elevada qualidade, graças a uma concorrência regulada".

A UE vai mais longe e impõe transparência na adjudicação dos serviços tendo em conta factores sociais e ambientais e de desenvolvimento regional, com a condição de garantir um bom serviço para certas categorias de passageiros, como os pensionistas e eliminar as disparidades entre as empresas dos diferentes Estados-membros susceptíveis de falsear as condições de concorrência.



Nova concessão pode revolucionar serviço público de transportes.

E, finalmente, acredita - com base na experiência dos Estados-membros onde há concorrência neste sector dos transportes, ser possível, com clausulas de salvaguarda, permitir a prestação de serviços mais atractivos, mais inovadores e com custos mais baixos. Ou seja, a UE liberaliza a área dos transportes e deixa ao cuidado das donas das concessões, neste caso a Câmara, de organizar os seus serviços públicos de transportes de passageiros, da forma mais

adequada às necessidades dos cidadãos e com a liberdade de poderem escolher os operadores, com as regras elementares do regulamento, segundo um contrato de serviços públicos com regras bem definidas e para todos.

A decisão da Câmara de definir a sua rede de transportes, com base neste figurino legal, é uma oportunidade para a elaboração de um plano global, actualizado e que possa corresponder melhor aos anseios dos cidadãos e às suas necessidades,

como a própria UE deseja.

Tal significa que o serviço público de transportes também possa oferecer aos seus utentes, preços mais baixos e uma frota moderna assente em viaturas mais novas, amigas do ambiente e com infra-estruturas que possam também servir outros propósitos. Fica aberta a possibilidade de com base no novo plano de transportes, a Câmara poder ir mais longe na organização da rede de poder realizar outras actividades e funções por si mesma ou confiá-las a terceiros.

No que toca à duração da concessão e o contrato de serviço dele resultante que será objecto de concurso, pode não ter a duração dos anteriores, também por vontade da UE que entende que esses contratos conduzem "ao congelamento do mercado, reduzindo os efeitos benéficos da concorrência".

Guimarães

PROPRIEDADE.: Crónicaprazível Unipessoal, Lda. CONTRIBUINTE Nº.:  $514\,766\,026$  | Capital Social.:  $1000\,\mathrm{euros}$ DETENTORES DE MAIS DE 10% DE CAPITAL.: Crónicaprazível Unipessoal, Lda.

EDITOR E DIRECTOR.: Iosé Eduardo Guimarães DESIGN.: Eduardo André

ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO : Rua Da. Maria Faria Ramos, 452 São Torcato 4800-881 Guimarães

PUBLICIDADE/ASSINATURAS.: publicidade@guimaraesagora.com

93 117 39 15

IMPRESSÃO.: UniPress - Vila Nova Gaia depósito legal nº.: 453168/19REGISTO NA ERC Nº.: 127 216

COLABORAM NESTE NÚMERO.: Alberto Martins,

Rafael Gomes, Paulo Castelo Branco, Raúl

Álvaro Oliveira, Carlos Fonseca, Nuno

Rocha e Vítor Oliveira.

TIRAGEM.: 10 000 exemplares

#### TRANSPORTES PÚBLICOS

Município vai investir 15 milhões em quatro anos

# Uma rede de transportes com mais linhas e frota modernizada

▶ Uma rede mais extensa, uma frota modernizada e um novo tarifário que a nova concessão vai respeitar contando com a ajuda do Município disposto a investir 15 milhões de euros em quatro anos.

om a obrigação de definir o seu plano para a exploração do serviço público de transporte rodoviário de passageiros no concelho,antes

de 3 de Dezembro deste ano, a Câmara aproveita para investir 15 milhões na concessão de modo a poder exigir ao futuro concessionário um serviço de maior qualidade e abrangência que contribua para o desenvolvimento de Guimarães e corresponda ao anseio dos cidadãos.

O plano está mais ou menos alinhavado nas suas linhas até que se conheça a proposta que vai ser posta a concurso internacional, de modo a garantir concorrência entre operadores, transparência nas regras do concurso.

Elaborado por um Álvaro Costa e pela sua equipa de engenheiros, o estudo para o plano municipal de transportes, vai definir o que o Município quer nas redes municipal e intermunicipal, procurando acertar num modelo institucional de planeamento e gestão do serviço público



Para cobrir a rede futura os autocarros vão fazer mais de 800 mil kilómetros.

de transporte de passageiros.

O paradigma do novo modelo de transportes públicos assenta num enquadramento jurídico que nada tem a ver com o actual - desactualizado e desajustado da realidade.

A Câmara Municipal enquanto Autoridade de Transportes (para os urbanos) e coma CIM do Ave (para os interurbanos) apostam num modelo que ofereça uma melhoria do serviço em termos de rede, de qualidade da frota, de preços, com uma

exploração profissionalizada e com o nível certamente de uma empresa municipal.

A nova rede - com linhas novas e a cobrir áreas do concelho em mais de 800 mil kms - assenta sobre a actual que todos reconhecem como debilitada por ser uma rede radial em torno do centro da cidade, servida por uma frota de veículos velhos, com um tarifário por operador e sem períodos nocturnos definidos.

O que se pretende é um reforço de serviço, para cobrir

mais freguesias, zonas industriais, o AvePark, que responda em qualidade - também aos circuitos escolares - com movimentos nocturnos, integrada numa rede perfeitamente urbana que melhore a qualidade da oferta de transporte.

Este serviço deverá contemplar um mínimo de serviço público, entre lugares com mais de 40 habitantes e a sede do concelho e as sedes concelhias na mesma Comunidade intermunicipal.

## As novas linhas a sul do concelho

O estudo para a nova rede aponta novas linhas municipais a partir de Lordelo (desde a estação da CP) até ao Espaço Guimarães, em Silvares, passando por Pevidém, Serzedelo, Guardizela. Outro percurso vai ligar o Espaço Guimarães ao Ave Park passando por Ponte, Taipas e Prazins. Uma outra linha passará por Moreira de Có-

negos com fim em Lordelo tendo também início e fim no Espaço Guimarães, em Silvares. Prevê-se mudanças noutras linhas a partir da EN 105- Guimarães-Santo Tirso, nomeadamente ligando Conde a Moreira de Cónegos, outra que ligará Paço Viera a Monchique e uma linha que ligue Fermentões, Pencelo, Selho S. Lourenço e Aldão. O estudo prevê também um serviço de transporte flexível que não se enquadre nas linhas urbanas de modo a chegar a lugares mais recônditos.

#### Qualidade da frota

A nova concessão terá de apostar em mais veículos novos e em veículos eléctricos para responder à exigência europeia em questões ambientais e qualidade de serviço. O objectivo é substituir uma frota composta de veículos velhos e a diesel. É claro que a modernização vai implicar investimento do concessionário.

# Comparticipação pública

O modelo de exploração aponta custos na ordem dos 25 milhões de euros, dado o aumento da oferta de transporte em mais de 800 mil kms, ou seja, mais 2% que a rota actual.

#### Modelo tarifário

A possibilidade de um passe ou um bilhete de uma linha urbana poder ser também utilizada noutro operador e numa linha interurbana está incluída nas mudanças que o novo tarifário implica. O actual modelo baseia-se em tabelas de preço em função da distância percorrida e não no multilinha como se defende no estudo. Também os transbordos serão facilitados e no que toca aos preços a o estudo anuncia uma redução no bilhete de bordo em 0,30€ e o valor do passe mensal para 17€ na carreira do centro urbano. O passe com valor mais caro será de 72,40€.

14 GUIMARÃES, AGORA! GUIMARÃES, AGORA!

#### **PERFIL**

#### Filipa Guimarães, inspirada por Le Corbusieur

# Com "queda" para a reabilitação

Texto de: Nuno Rafael Gomes

Para a arquitecta, o "foco" do seu atelier está na reabilitação. A intervenção na sede da Polopique já valeu um segundo lugar nos Urban Design & Architecture Design Awards do ano passado.

"Desde criança

que me lembro

de dizer que

queria ser

arquitecta.

á uma ilustração do arquitecto
Le Corbusieur numa das paredes do escritório — e não é por acaso.
O francês é uma das "maiores

inspirações" de Filipa Guimarães, 35 anos, também ela arquitecta, que bebe ainda do legado deixado pelo finlandês Alvar Aalto e pelos portugueses Siza Vieira e Fernando Távora. Recebe o *Guimarães, agora!* no seu pequeno atelier, na Rua da Caldeirôa, onde uma estante recheada de livros tapa a vista para as secretárias em que os projectos ganham vida. A sua carreira, como a própria considera, é "verde", mas já há um foco: "a reabilitação de edifícios".



lembro de dizer que queria ser arquitecta. Mesmo sem saber muito bem o que isso queria dizer", recorda Filipa. E estava certa: em 2009 formou-se em Arquitectura pela Faculdade de Arquitectura do Porto, cidade onde pôde, pela primeira vez, trabalhar na área. Em 2015, a "vontade" de ter o seu próprio atelier falou mais alto. Os trabalhos foram surgindo e hoje partilha o espaço com outros dois arquitectos: José Miguel Reis e Ana Ferreira. O primeiro conheceu-o nos tempos de faculdade. "E também é cá do concelho", diz. "O terceiro elemento [Ana Ferreira] formou-se na Universidade do Minho e é de Chaves."

é natural. "Desde criança que me

Um desses exemplos é a sede da empresa têxtil Polopique, em Vizela. "O negócio da minha família está em Vizela. O edifício é do meu pai e ele colocou-me o desafio", começa por explicar. "Tem três mil metros quadrados e foi o meu primeiro grande projecto." O esforço compensou: a obra está disponível para consulta no Arch-Daily, um site exclusivamente dedicado à arquitectura e no qual "nem toda a gente é publicada". A empresa conquistou ainda o 2º lugar na categoria "Edifícios de Escritórios" da Architecture Press Release — Urban Design & Architecture Design Awards em 2018.

Hoje, Filipa reúne no seu portefólio "muitos projectos para Vizela", outros no Porto, "de reabilitações de apartamentos e outros edifícios" e, futuramente, um "grande projecto no concelho de Caminha". "Com isto, espero sair um pouco dos limites do concelho", refere.

celho", refere.

Foi por Guimarães que calcorreou as ruas que a levariam a outros destinos. Mudou-se para a cidade vimaranense aos 12; antes, vivia em Vizela, de onde



O projecto da sede Polopique não ofuscou a memória e marca o contemporâneo.







#### Há "espólio perdido" em edifícios industriais do concelho

Mas não só de Portugal se faz o caminho da arquitecta. Já passou por Luanda, Angola, onde acompanhou durante "muito tempo" uma obra. "Lá é tudo diferente e mais complicado, mas foi gratificante", recorda. Ou então dentro da Europa, onde realizou "um dos primeiros projectos no Sul de França", que estará disponível para consulta no site do atelier, a ser lançado em Abril. Esse é o mês apontado para a mudança de instalações do escritório na Rua da Caldeirôa para a Avenida Dom





João IV. "Estamos numa sala fechada para a rua e a intenção é a transparência: mostrar o nosso trabalho a quem quer que passe", explica.

O vidro é, realmente, um dos pontos característicos da reabilitação da Polopique. "Os edifícios existentes são fechados, em pedra. Os elementos novos dão transparência e interligam os volumes existentes", começa por explicar. "Não queríamos entrar em conflito com o que já estava feito. Daí o vidro, a transparência, porque não se impõe perante os volumes", acrescenta. Nas reabilitações, é importante "olhar para o existente e manter o que de importante tem". Por isso, "foi reutilizada a madeira de eucalipto já existente" no edifício da Polopique. Como Filipa refere, é importante marcar "a contemporaneidade e ter-se também a memória de um elemento ou material do passado". E o trabalho do atelier passa muito por aí: "É o que gostamos de fazer, essencialmente."

Por Guimarães, diz, "há muito para fazer". "Dá-se muita ênfase ao centro histórico e também devia dar-se atenção ao espólio perdido nos edifícios industriais", observa. Por isso, acredita que a cidade pode "dar outro uso



Também devia dar-se atenção ao espólio perdido nos edifícios industriais".





Fotos de: João Morgado Fotografia de Arquitectura



É uma recuperação marcada pela transparência.

ou outra função a zonas da cidade devolutas". Mesmo nos limites do centro histórico, o processo de reabilitação é, como a arquitecta considera, "complicado": "Muitas vezes, o proprietário prefere vender", aponta. "Já tivemos dois processos de reabilitação no centro histórico que não chegaram ao fim. Isto inviabiliza o investimento económico", completa.

Na sua opinião, sentese "alguma intransigência" a este nível em Guimarães. Para além disso, a arquitecta considera que o centro está a ficar "cheio de alojamentos locais" que podem afastar a população. "Não queremos parques temáticos no centro, mas sim centros habitados. Vê-se essa zona como um lugar para feiras afonsinas, DJs e festas, por exemplo."

Mas essas não são as únicas dificuldades que diz sentir como arquitecta. "Desde que montei este negócio, sinto que as pessoas não entendem o nosso papel", comenta. "As pessoas dispõem-se a gastar um certo valor na obra e entendem o montante que têm para construção, mas não o valor de honorários de um arquitecto."

Em jeito de desabafo, confessa sentir que o seu trabalho "é um pouco ingrato e fantasma", porque há um "acompanhamento desde a concepção do projecto até à obra estar completa". Contudo,

Filipa não se dá "por vencida". Quer continuar a estender o seu trabalho para lá da cidade e contornar as dificuldades — e nota-se-lhe a coragem.

"Não queremos parques temáticos no centro, mas sim centros habitados.



16 GUIMARÃES, AGORA! GUIMARAESAGORA.COM | MARÇO 2019

#### **REABILITAÇÃO**

#### Edifícios ganham vida no CH

# Reabilitar com qualidade

texto de: José Eduardo Guimarães

A "residência para artistas" é mais uma intervenção feita pelo Município no edificado do Centro Histórico, uma obra que segue a pegada de qualidade de outras que se vêm registando no coração da cidade.

oi o último
projecto inserido
no programa da
Capital Europeia da Cultura
2012 e que só há
pouco tempo se
concretizou.
A "residência
para artistas", vai

ser espaço para a criatividade e criação, de jovens que procuram a nossa cidade, para uma experiência nas artes, confrontando-se com a história, o património e a cultura existentes, ainda que

esporadicamente sirva para uso de serviços e instituições.

Numa viagem feita pelo interior do edifício, ainda com a memória e o retrato fotográfico do seu passado recente e história, o nosso propósito foi perceber a intervenção feita, admirar a recuperação e confirmar que a reabilitação urbana prossegue, sempre com a mira de atrair mais gente para as casas que se recuperam e se usam, não deixando que o centro histórico se torne apenas um presépio, de figuras inanimadas e um retrato decorativo, que se mostra em ocasiões especiais e festivas.

Para quem revirou o edifício, de alto a baixo, e teve a responsabilidade de cumprir um programa de reabilitação, recuperação e reconstrução exigente, a "obra foi um desafio interessante", sempre difícil pelas regras e normas que são estritas do regulamento municipal existente que disciplina a reabilitação do edificado, seja qual for a dimensão da intervenção.

Também foi uma tarefa "difícil" porque a estrutura comportava dois edifícios contíguos, com elementos construtivos, próprios de uma casa frágil, com paredes em tabique. E que uma nova estrutura de ferro manteve



quase como uma única casa, sem ameaças de derrocada ou desintegração.

O programa de obras previa uma quantidade imensa de demolições com a exigência de manter o "espírito da casa", do seu simbolismo e com escassez de tempo para fazer quase de tudo de novo. Já depois da sua inauguração, o que a reabilitação deixou marcado foi a identificação com "o que era dantes", preservando as características essenciais, como um escadario a tornar-se na coluna vertebral da casa, logo garantindo a mesma função de uso habitacional.

Sem desvirtuar normas mas tornando essencial o uso actual do edifício por pessoas, a introdução de um elevador - que serve para ligar também os dois edifícios - tornou-se numa funcionalidade mais que garante a sua fruição plena e sem constrangimentos.

E que em nada ofende o fundamentalismo dos que entendem que as casas do centro



histórico, depois de recuperadas, não devem ser funcionais mas têm permitir o seu uso e a sua vivência com o conforto actuais, exigindo soluções construtivas que atenuem os efeitos mais perversos de uma intervenção adequada aos tempos de hoje.

Uma exigência técnica e funcional que tornou complexa o desenvolvimento das obras e o respeito pelo programa funcional aprovado.

Outro registo que se faz



GUIMARAESAGORA.COM | MARÇO 2019 GUIMARÃES, AGORA! 17

#### REABILITAÇÃO

é a plena recuperação do logradouro, um espaço verde situado nas traseiras do edifício, que lhe deu mais vida e que é tido como uma mais valia do projecto de arquitectura - de 2011 - elaborado pelo gabinete Cannatà & Fernandes, Arquitectos Lda. A execução da obra - a cargo da empresa Combitur - teve embaraços adicionais em função de um projecto que "jogou" com a existência de paredes vieiras em tabique, já em ruína e com materiais em deterioração, desde as madeiras às argamassas.

O interior do edifício deixa notar as cores mais coerentes com um edifício antigo, onde devem predominar os brancos e beges e bons azulados e verdes.

Os imprevistos - sempre existentes e comuns em obras de reabilitação do centro histórico - acabam também por ser lições para o futuro e para quem, por mais de uma vez, faz intervenções e reabilita espaços antigos para uso habitacional. Esses impre-



A casa onde nasceu Alberto Sampaio bem merecia uma visita guiada por representar uma reabilitação excelente de um edifício mais que centenário.

vistos, por vezes, não são fáceis de ultrapassar também por falta de experiência de quem tem de fiscalizar a execução de obras e enquadrar pequenas transformações sem perder de vista o uso e a função habitacional de cada casa que se recupera. Esses imprevistos são também um entrave ao bom andamento da obra - por vezes estão paradas mais tempo do que o desejável - e as tornam mais caras do que já são.



suficiente para aulas de arquitectura e engenharia, pelo que se recupera mas como se recupera, como se encontram soluções para

problemas que a execução de um projecto coloca quando se passa da teoria à prática, do desenho à complexa tarefa de reconstrução e realização.

A intervenção feita no edifício da rua da Raínha - onde se instalará a "residência para artistas", teria sido um bom caso de estudo, para jovens arquitectos ou engenheiros. Até porque é fácil de encontrar onde se pode ver aprendendo, e porque não faltam reabilitações que se podem estudar ao vivo. Certamente que nenhum dos promotores das recuperações que se vão fazendo, e a Câmara Municipal para as suas obras, se oporiam a que a reabilitação fosse vista e sentida para quem se quer especializar na matéria.

No caso dos edifícios da "Residencia dos artistas", a filosofia da intervenção, respeitou "os objectivos de conservar a imagem pública e colectiva", fundamental num processo de requalificação de todas as partes do espaço público. Ali, os arquitectos autores do projecto, preocuparam-se em "manter e reinterpretar a



sua matriz tipológica de modo a que novas funções não afectasse a autenticidade do testemunho acumulado a longo da vida dos edifícios".

É este diálogo entre o projectar e executar que torna a intervenção crucial, visando sempre "consolidar o existente", manter os diversos elementos arquitectónicos e permitindo a funcionalidade e segurança dos ocupantes e utilizadores dos edifícios, o que nem sempre se pode assegurar com leituras fundamentalistas, sem dar asas à interpretação do modo de execu-

Numa obra fiscalizada pelos serviços do Departamento de Obras Municipais e pelo IGESPAR, foram seguidas as orientações dos autores do projecto no que toca a alguns programas específicos que a estrutura do edifício em si colocava, flexibilizando o atravessamento entre a rua e o pátio, o que permitiu relacionar directamente a rua e o interior do lote, com usos diversos e dependentes da sua utilização.

Durante a reconstrução, foram eliminados elementos sem qualidade e dissonantes, registou-se a integração de um novo programa funcional para as variações de uso, importando ainda consolidar, reparar, restaurar e reabilitar os elementos estruturais em função do Regulamento de Intervenção no Centro Histórico.

"Os elementos decorativos e originais foram identificados de modo a serem evidenciados na intervenção, processo em que se usaram materiais resistentes ao desgaste e de custo reduzido de manutenção. A aplicação de tecnologias visaram garantir a redução de consumos energéticos" - tudo conforme projecto.

Com o decorrer dos trabalhos e ainda no início dos mesmos, e porque o projecto de intervenção teve em conta também "o facto de a intervenção se produzir sobre duas estruturas autónomas, interligadas e distintas", houve necessidade de estabilizar as duas estruturas pelo recurso a amparos metálicos, de modo a evitar derrocadas, garantindo-se, por outro lado, a recuperação integral da estrutura de madeira existente, com a integração de peças do mesmo tipo para casos de substituição. Naturalmente que se assegurou a manutenção de paredes e pavimentos dos diversos pisos que se mantiveram fiéis à traça original.

#### Elogia-se mas não se estuda

# Recuperação que (não) faz escola?

► A reabilitação que se faz no Centro Histórico elogia-se mas não parece fazer escola, pois é vista por fora mas pouco analisada por dentro.

As reabilitações no Centro Histórico são um verdadeiro caso de estudo. Contudo não são aproveitadas pelas escolas universitárias de arquitectura e engenharia civil e outras enquanto elementos de estudo e como matéria para aulas e demonstração (ao vivo) de casos

O que se vê na cidade, são alunos da Escola de Arquitectura apenas a desenhar fachadas de monumentos e de aglomerados habitacionais.

Contudo, não se nota preocupação para ver por dentro, o que se faz de notável em termos de recuperação e reabilitação, no caso dos edifícios e o que se projecta no espaço público.

De facto, as recuperações que se fazem no Centro Histórico - no espaço público e nos edifícios - fornecem matéria 18 GUIMARÃES, AGORA! GUIMARAESAGORA.COM | MARÇO 2019

#### HABITAÇÃO EM DEBATE

Os desafios de morar na cidade foram discutidos

# Uma conversa informal sobre a habitação em Guimarães

➤ Debate organizado pelo PS incidiu sobre os problemas da habitação em Guimarães. Lições do passado, dados do presente e planos do futuro moldaram a conversa.

Texto de: Nuno Rafael Gomes

palavra-chave da conversa foi "habitação", que moldou o debate entre os seis oradores convidados. Entre as 16 e as 19 horas, o salão nobre da

Associação Comercial e Industrial de Guimarães (ACIG) acolheu o "À conversa sobre... Habitação", certame organizado pelo Partido Socialista (PS) da União de Freguesias de Oliveira, São Paio e São Sebastião. A transversalidade do tema permitiu aos oradores uma análise comparativa entre a cidade e o resto do país.

O debate, que se quis "informal", contou com a moderação de António Magalhães. O docente da Universidade do Minho fez notar que este "é um problema que toca a todos e que está na ordem do dia", algo que o deputado João Paulo Correia, um dos oradores, repetiu. O deputado e presidente da União de Freguesias de Mafamude e Vilar do Paraíso, Vila Nova de Gaia, afirmou que o tema esteve "fora da primeira linha política durante várias décadas".

Na intervenção, apontou ainda os problemas resultantes de anos de uma "banca desregrada" — com o Estado de olhos postos "apenas nas questões de mercado". José Manuel Arantes concordou ter existido "uma falta de regulação" pelo Estado. O proprietário e investidor imobiliário puxou o tema para a realidade vimaranense, recuando até à

década de 1980 para a contextualizar: "Guimarães perdeu mais de 20% da população do centro quando surgiu a habitação social." Hoje, o panorama é diferente. A população está a voltar ao centro histórico, onde existem "440 alojamentos vagos" num total de 626, segundo os dados de 2012 apresentados por José Manuel Arantes. "Volta a haver interesse em voltar à cidade", frisou.

Opinião contrária teve um morador do centro histórico. Secundino Ferreira contribuiu para a conversa com impressões de quem lá reside há quase 50 anos. O vimaranense contrapôs: "A cidade está despovoada, não falando apenas do centro histórico." Ao orador convidado preocupa-lhe ainda o "desenquadramento" existente em "questões paisagísticas". Para José Manuel Arantes, são necessários "planos de ordenamento mais exigentes".



Para o deputado João
Paulo Correia, Portugal é um
país "de proprietários". "Temos
de ser cada vez mais um país de
inquilinos", acrescentou. Diogo
Antunes concordou, mas, para o
director executivo imobiliário, é
preciso "proteger o proprietário".
A dualidade inquilino-proprietário gerou alguma divisão.
O arquitecto Filipe Villas Boas
questionou: "Por que não apoiar
os inquilinos?" Para o também
presidente da ACIG, "as leis estão
inadaptadas à realidade"; para

"A cidade está despovoada.
Não falando apenas no centro histórico.



Para algumas pessoas, custa mais pagar a renda do que o crédito".







GUIMARAESA, AGORA!

#### HABITAÇÃO EM DEBATE



José Arantes reconheceu a necessidade de povoar o Centro Histórico.

além disso, "para algumas pessoas, custa mais pagar a renda do que o crédito". "Algumas camadas não têm acesso ao dinheiro."

Por isso, falou-se de um grupo que, "mais recentemente", tem tido dificuldades na procura de habitação: "A classe média, composta por famílias que trabalham, mas sem capacidade para arrendar no mercado privado." A descrição foi atribuída por Cristina Dias, Chefe da Divisão Técnica da CASFIG (Coordenação de Âmbito Social e Financeiro das Habitações Sociais de Guimarães). A oradora referiu ainda que o "preço da renda é excessivo". Nessa linha, falou de outros dois desafios nesta matéria a nível local: "as más condições, a nível da habitação física" e "as famílias unipessoais", que são "maioritariamente homens, beneficiários do Rendimento Social de Inserção" e

em "situações precárias".

José Manuel Arantes indicou que o problema "é transversal", estendendo-se a todas as idades. Uma das soluções para as dificuldades de algumas famílias de Guimarães foi apresentada por Cristina Dias, que referiu o Subsídio Municipal de Arrendamento: "Já ajudámos 155 famílias e vamos aprovar mais 48 candidaturas."

No fim, ficou presente

a ideia de que, nestas questões, é preciso "equilibrio". A palavra adequa-se, para José Manuel Arantes, à realidade de Guimarães: "Houve uma evolução equilibrada e sem picos especulativos. E há um grande potencial de crescimento." Jorge Cristino, da organização, assegurou que "esta é a primeira de muitas sessões". Futuramente, outras temáticas serão abordadas neste registo.



# Crescer "com qualidade"

Quando Domingos Bragança chegou, a conversa estava perto de terminar. Contudo, houve espaço para uma intervenção do Presidente do município. O autarca reconheceu os problemas das habitações sociais do concelho, mas alertou

que "os bairros não são da câmara, mas a câmara tem de exercer pressão sobre o poder central".

Domingos Bragança afirmou ter "forte convicção" na reabilitação de alguns bairros, ainda que haja "falta de fundos comunitários". Recorde-se que o Presidente da Câmara propôs à Secretária de Estado da Habitação Ana Pinho, em Fevereiro último, uma parceria para a reabilitação do bairro social da Emboladoura, em Gondar. O autarca referiu que é importante que a cidade cresça, "mas com qualidade".

OPINIÃO



Álvaro Oliveira

## O Ovo de Colombo

Uma das grandes preocupações em Guimarães é a circular urbana. É estreita e perigosa, está mal desenhada e construída, estrangula a cidade e não serve o concelho todo. A essa preocupação, junta-se o trânsito caótico que diária e constantemente se verifica em inúmeras artérias da cidade. Mas será que urge construir uma segunda circular urbana por forma a escoar o flagelo do entupimento das entradas e saídas da cidade? Não. Não porque na verdade Guimarães já tem uma segunda circular que atravessa grande parte do concelho. Senão vejamos: Quem vai pela auto-estrada para Braga ou para o Porto ou Vila do Conde (e falando unicamente na A7 e A11), encontramos as respetivas portagens no leito dessa auto-estrada. Depois de passarmos essas portagens prosseguimos em perfil de auto-estrada até essas localidades. Ora, se atendermos por exemplo à auto-estrada Guimarães-Braga verificamos que 2/3 dessa mesma auto-estrada já posterior à portagem em Braga, prosseguindo a mesma em circular à cidade e com diversos nós de saída para outras localidades, bem

como outras, para o centro da cidade. Isto é, a circular urbana é feita como uma sequência natural da continuação da auto-estrada. No Porto é exatamente a mesma coisa, as portagens são - curiosamente - na Maia, prosseguindo mais de 8 kms de perfil de auto-estrada com diversas ramificações para outras localidades. Em Vila do Conde passa-se exatamente o mesmo. A portagem é no leito da auto-estrada, sendo que depois prossegue, quer para Vila do Conde, quer para a Póvoa de Varzim, sempre em perfil de auto-estrada e por muitos kilómetros. Em Guimarães não é assim. Guimarães tem 3 entradas/ saídas de auto-estradas com portagens nos nós dessas entradas/saídas. Essas portagens são em Silvares, SerSe se mudassem essas portagens para o leito das mesmas, Guimarães ganharia uma circular urbana a custos muitíssimo reduzidos....

zedelo e Urgeses. Se se mudassem essas portagens para o leito das mesmas, Guimarães ganharia uma circular urbana a custos muitíssimo reduzidos. Isto é, se ao invés de termos portagens em Serzedelo e Silvares, as mesmas estivessem colocadas no leito da auto-estrada, respetivamente, em Serzedelo e Brito, e a portagem de Urgeses, também no leito da auto-estrada, mas em Fafe, 3/4 do concelho ficaria servido com uma grande circular urbana que facilitaria o escoamento de muitas artérias da cidade e gratuita. Claro que teria de haver concordância da concessionária, neste caso, da Ascendi. Mas, se o valor das portagens fosse o mesmo, se a Camara Municipal se o compromisso da Camara Municipal fosse libertar a obrigatoriedade da concessionária da manutenção daqueles troços de estrada passando para a responsabilidade da Autarquia, ninguém perdia, todos ganhavam. Mas ainda se ganhava mais: passando a concessão destes troços de estrada para a Autarquia, a mesma poderia fazer melhoramentos e criar outros nós de ligação, por exemplo, em Brito poderia fazer um nó de ligação a esta vila, bem como, à Vila das Taipas, fazendo com que, definitivamente, a estrada de ligação Guimarães-Taipas ficasse descongestionada. Por vezes, é possível fazerem-se coisas boas, mais baratas e sem recursos a projetos megalómanos. Basta ter a vontade de o fazer. Às vezes, o óbvio está mesmo à nossa frente.

20 GUIMARÃES, AGORA! GUIMARAESAGORA.COM | MARÇO 2019

#### **INQUÉRITO**

Estudantes nacionais e estrangeiros de acordo

# Para os universitários de Guimarães, há pouca "oferta" na habitação

Texto de: Nuno Rafael Gomes

Os estudantes querem viver perto da universidade, mas a oferta não dá resposta à procura. Há quem ache que a renda subiu, "mas a cidade justifica o preço".

s estudantes
do Campus
de Azurém da
UM preferem
viver perto da
universidade,
arrendam casas
com três quartos
e pagam entre

150 e 200 euros de renda. Estas são algumas das conclusões do estudo "Alojamento Universitário – Universidade do Minho", de Maria João Quintão Barbosa, que procurou entender como funcionou o mercado imobiliário junto dos estudantes da academia minhota em 2018. As três ilações são resultantes de um inquérito que teve 208 respostas válidas.

Mas não só o estudo aponta as afirmações iniciais: uma rápida conversa com alguns estudantes do polo vimaranense leva o mesmo rumo. Mariana Solé, 19 anos, e Marisa Alves, 20, são estudantes de Arquitectura. "Vivemos ao pé da universidade", conta Marisa. A estudante diz que "há quem pague muito mais e com menos condições" no Porto, de onde é natural. Para Mariana, de Viana do Castelo, "os preços não são muito caros", mas há um problema que tem dificultado a procura de habitação aos estudantes universitários da cidade: "Há pouca oferta, não é fácil encontrar casa em Guimarães." O preço que ambas pagam, com contas incluídas, não ultrapassa os 200 euros — e, segundo Mariana, "a cidade justifica o preço".

A "escassez de oferta" é, também, um dos problemas apontados por Nuno Reis, Presidente da Associação Académica da Universidade do Minho (AAUM), na questão



Vai sustentar-se uma nova centralidade em torno da Universidade.

da habitação para estudantes universitários. Para além disso, "o aumento dos preços de arrendamento" contribui para um "problema global", que afecta igualmente os estudantes do Campus de Gualtar (Braga). Para o dirigente associativo, tem havido "um aumento progressivo do número de estudantes da UM", o que pode ser uma das respostas para o porquê de existirem poucas casas para arrendar a estudantes em Guimarães - especialmente na zona envolvente à universidade, que continua a ser a área de eleição para os universitários que, durante a sua formação, se fixam na cidade.

# Casa "própria" versus Residências

A alternativa ao mercado privado está nas residências





"Há quem pague muito mais e com menos condições.

))

"Há pouca oferta, não é fácil encontrar casa em Guimarães. CUIMARAESACORA.COM | MARÇO 2019

#### **INQUÉRITO**

universitárias. Segundo o estudo "Alojamento Universitário - Universidade do Minho", quem vive na residência de Azurém está mais satisfeito com a proximidade ao campus do que os estudantes das residências de Braga (Lloyd e Santa Tecla). Em terrenos negativos situa-se a avaliação aos espaços comuns em Azurém (2,20 numa escala de 0 a 6). Na comparação das três residências universitárias, a vimaranense foi a única que registou uma percentagem de alunos que queriam sair no ano lectivo seguinte superior à dos que queriam ficar. E porquê? "Em termos monetários, compensa mais a residência, mas em habitação própria temos mais espaço e privacidade, por exemplo", refere Miguel Gabriel.

O aluno de Engenharia Electrónica Industrial e Computadores de 23 anos, de Leiria, chegou a Guimarães há quase cinco anos. No seu grupo de amigos, foi o único a arrendar casa e a deixar de lado as residências. "As condições são boas, vivo num apartamento relativamente novo com boas condições de isolamento. E pago menos do que o habitual", explica. Quem também diz pagar uma renda abaixo da média é José Araújo, estudante de Engenharia Mecânica de 22 anos. "Pago 150 euros porque divido um T1 com a minha namorada, e compensa. A casa é nova. Tenho colegas a pagar mais e em casas terríveis".

A qualidade das casas



((

Pago 150 euros porque divido um T1 com a minha namorada, e compensa."





"Na Albânia são mais baratos, mas os preços em Guimarães justificam-se.

))



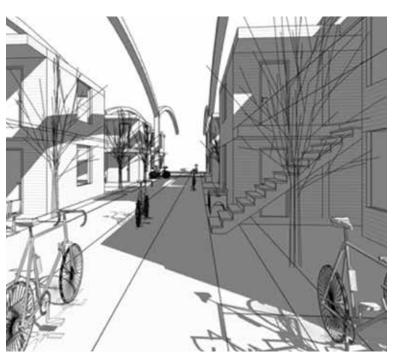
também é tópico de discussão para os estudantes vimaranenses – tanto os que vêm de outras partes de Portugal como para os que por cá pousam através do programa Erasmus. Flaka Deda, 21, e Belisa Demiraj, 22, estudaram na Albânia e optaram por Guimarães para realizarem a sua experiência de intercâmbio académico. São alunas de Engenharia Civil. "Os quartos na Albânia são mais baratos, mas os preços em Guimarães justificam-se", diz Flaka. A colega contrapõe: "Mas se viveres no centro, os quartos são mais caros, mas estás perto de tudo. Se viveres longe, é barato, mas não estás perto." Para ambas, "o preço corresponde à qualidade das casas", mas as habitações em Guimarães "são muito, muito velhas", afirma

## "Rendas têm subido bastante"

Para José, de Viana do Castelo, as "rendas têm subido bastante", reflectindo, para além do aumento da procura, a falta de quartos na residência de Azurém, "que é bastante pequena". O Presidente da AAUM concorda: "As rendas subiram, em muitas zonas, mais de 50%." Para os alunos entrevistados que chegaram há mais tempo a Guimarães, o aumento das rendas foi sentido. No caso dos mais novos, os 200 euros parecem ser um preço "normal" e dentro do expectável.

Nuno Reis acredita que "estes valores não acompanham, de forma alguma, os valores da inflação". Para o dirigente associativo, é necessário "repor alguma justiça nos preços praticados, especialmente para os alunos com maiores dificuldades financeiras". Mas ressalva: este problema não é somente observado em Guimarães, já que em Braga a realidade é bastante semelhante.

Por isso, a AAUM criou um projecto de mediação imobiliária chamado "Place Me", concessionado a uma empresa privada. O objectivo é garantir "o arrendamento em full-pack: internet, luz, água, gás e outros serviços". A "Place Me" também procura simplificar as burocracias, garantir "boas condições de habitação" e o "arrendamento legal". Ainda não há espaço físico para o projecto no Campus de Azurém, mas Nuno Reis assegura existirem "planos para que, brevemente, possa ter um local de funcionamento regular em Guimarães". O problema na cidade vimaranense pode ser solucionado em 2021. Esse é o ano apontado para a edificação da nova residência universitária de Guimarães, através do projecto Purpose-Built Student Accommodation, a "pequena aldeia" com 700 quartos a rondar os 180 euros por mês (com contas incluídas).



Há mais projectos em carteira da iniciativa privada.

## Nova residência universitária em Guimarães será uma "pequena aldeia"

Será uma "pequena aldeia", mas também "muito mais do que um local para dormir". Assim se caracteriza a residência universitária que abrirá em Guimarães em 2021. O edifício, que contará com 700 camas, chama-se Purpose-Built Student Accommodation (PBSA), o que significa algo como "Alojamento Estudantil com Finalidade Específica". Os preços rondarão os 180 euros por mês. Esta residência, que será uma das maiores em Portugal, localiza-se a menos de um

quilómetro do Pólo de Azurém da Universidade do Minho.

No preço mensal da nova residência universitária, que será inaugurada pela Imobiliária Abelimóveis, estão incluídas as contas da água, luz e internet. Há segurança 24 horas por dia, para além de existirem salas de estudo e de convívio e uma praça central – desenhada para acolher eventos de cariz cultural. O edifício contará com uma clínica, um ginásio, lavandaria, zona de restauração e garagem para bicicletas. É ainda

adiantado que o espaço será alimentado por energias renováveis.

Contudo, o público-alvo não são só os estudantes universitários que estudam em Guimarães. Professores, alunos de Erasmus, doutorados, pós-graduados e jovens casais podem dar início à sua vida em Guimarães no novo projecto habitacional. O objectivo é também fazer com que os recém-formados nas instituições de ensino vimaranenses se fixem pela cidade.

22 GUIMARÃES, AGORA! GUIMARAESACORA.COM | MARÇO 2019

#### NOVA URBANIZAÇÃO





#### Estará pronta em 2020

# Urbanização de marca e qualidade

Texto de: José Eduardo Guimarães

▶ Há uma nova urbanização em São Torcato que se distinguirá pela diferença, pela qualidade, pela implantação e pela tipologia das habitações. tudo por obra, graça e engenho de Manuel Carvalho que se tornou no empreendedor da moda e construtor de qualidade reconhecida - a quem já foi lançado o desafio de construir na cidade - e que opta por manter o seu dinamismo empresarial em São Torcato, onde lhe podem surgir iniciativas

O loteamento, feito numa antiga quinta rural, tem a área total de 20 mil m2 onde se

ainda mais arrojadas.

implantam os 16 lotes: correspondentes a 4 casas térreas mesmo vicinais a uma estrada municipal, a que acresce um conjunto de 6 moradias individuais no seio do loteamento e 6 moradias geminadas pela garagem, de dois andares.

E não se diferencia apenas por cada lote, do mais pequeno ao maior, oferecer uma área de logradouro considerável onde se pode construir uma piscina, um jardim e mesmo uma pequena horta, tal é espaço sobrante em redor da área de construção.

A sua exposição solar é quase única e um dádiva da natureza porque é permanente a luz solar, de manhã à noite.

A construção de casas térreas, com dimensões confortáveis, numa área de terreno que daria para o dobro do volume de construção é não apenas uma opção genuína, como um contínuo desejo de promover e fazer habitação de e com qualidade. E é uma marca distinta de implantar as casas de um andar apenas, para aproveitar a exposição de cada alojamento à luz solar, durante todo o dia.

Optar por moradias individuais em lotes com uma dimensão fora do comum e pouco usuais no mercado é uma aposta que valoriza o produto que se vende com o mesmo espírito que se compra.



Na sua génese de homem da construção, Manuel Carvalho não esconde que o seu perfeccionismo e gosto pelo que é bom, vem das lides com homens que em Guimarães quiseram sempre construir o melhor, citando José da Silva que se dedicou a construir em Guimarães algo que serviu para definir e identificar a cidade.

Mais do que implantar uma casa num lote, Manuel Carvalho quer dar vida a essa área onde cada morador pode usar esse espaço como entender quer seja para uma piscina, quer para uma horta, quer para um logradouro mais simples mas aberto. Por isso, numa área de terreno onde caberiam por certo nove lotes, a sua opção foi fazer e implantar metade (4) como

factor diferenciador das opções urbanísticas que defende, sem densificar a envolvente com mais prédios.

"Não sei fazer de outra forma" - diz convicto da sua certeza de que está a fazer um produto bom e bem. E com procura no mercado.

## Geminadas... pela garagem

Nos lotes, destinados a maior ocupação (6) com casas de rés-do-chão e andar, Manuel Carvalho também, quis aprimorar a sua opção, oferecendo casas geminadas apenas ao nível da garagem, garantindo que um vizinho não escuta o outro, deixando entre andares um fosso que separa as casas entre si. Um



GUIMARAESAGORA.COM | MARÇO 2019

#### **NOVA URBANIZAÇÃO**

pormenor que marca a qualidade que pretende dotar cada lote e cada casa em que a garagem ocupa cerca de 60 metros da área de implantação e a área de construção cerca de 250 m2, em lotes que variam entre os 600 e 850 m2.

Outra singularidade desta área de casas geminadas é que beneficiando de exposição solar permanente, de manhã à noite, a área de logradouro é também extensa e útil para para os usos que cada comprador entender fazer dentro do regulamento do loteamento. Há poucos exemplos desta ocupação suave de um espaço maior que pertence a cada lote.

Esta zona de casas geminadas, será construída logo após a conclusão das operações do loteamento que têm a ver com a construção de infra-estruturas. A previsão é a de que no início do Verão de 2020 possa chegar o primeiro habitante desta nova urbanização, com direito a fixar-se nos melhores catálogos de habitações de qualidade e com luxos importantes nos tempos que correm.

## Granito a condizer com o Santuário

As guias de granito cinzento das pedreiras de Gondomar já marcam e sustentam passeios fitados a cubos de









A urbanização representará um investimento de cerca de 5 milhões de euros.

pequenas dimensões, enfeitam as entradas das moradias, dão forma aos lugares de estacionamento do espaço público e ladeiam as zonas verdes da urbanização.

Manuel Carvalho fez esta opção pelo granito da região

ser o melhor que há para estas infra-estruturas, sem contudo tal significar exigência ou imposição da Câmara. É mais um requinte a juntar a outras que mostram que fazer bem também é fazer com o melhor produto.

De resto, a urbanização tem o Santuário de São Torcato como farol, a nascente, e a sua imponência vertida no granito da região - Gonça, Gondomar e São Torcato.

# Junta regista dinamismo

Alberto Martins, Presidente da Junta de Freguesia reconhece que o empreendedorismo de Manuel Carvalho está a dar à vila de S. Torcato um novo impulso de desenvolvimento.

"Graças ao seu dinamismo, S. Torcato viu o seu parque habitacional crescer em número de alojamentos, de edifícios com benefícios vários, atraindo pessoas de outras localidades" - justifica o presidente da autarquia.

Sublinhando a qualidade e do tipo de habitação que tem sido implantado em diversas zonas por iniciativa da sociedade de



que Manuel Carvalho é gerente, o autarca mostra o seu agrado por este ciclo de crescimento habitacional prosseguir com novos empreendimentos e agora com um loteamento de inegável qualidade. S. Torcato precisava de ver crescer o número de habitantes e eleitores para compensar a tendência de perda de anos anteriores. E para além de equilibrar as estatísticas, também a "qualidade" dos que agora escolhem S. Torcato para morar e viver, deixam o presidente da autarquia satisfeito.

"Trata-se de um segmento populacional da classe média e média-alta - magistrados, empresários, médicos, professores e outras profissões técnicas - que gostam da segurança e da pacatez da vila, da sua paisagem verde e monumental, da sua cultura popular e das suas festas, ingredientes que tornam as terras atractivas e com qualidade de vida" - sublinha destacando que desta forma se fixa a população e a grandeza da vila.

O presidente da Junta espera que outros empreendimentos possam surgir, mesmo

de menor dimensão, porque S. Torcato precisa também de alojamento para os jovens e todas as iniciativas dos promotores e construtores são bem vindas, como está a acontecer.

O empreendedorismo de Manuel Carvalho é um exemplo que o presidente da autarquia destaca por ter começado num período de crise, o que não deixa de representar algum arrojo, que vem dinamizar a vila e poder contribuir para que haja também um incremento da actividade comercial que o acréscimo de população trás por consequência.

E como nota final, o autarca deixa o agradecimento ao empreendedor, tanto mais que também a nível industrial, se prepara para iniciar um loteamento para fixação de indústrias.

# Marca de qualidade

"Na nossa relação de arquitecto e técnico com o construtor e promotor, habituei-me a reconhecer no Manuel Carvalho, a sua preocupação em fazer e cumprir com parâmetros de qualidade. Inclusive nos acabamentos procura sempre ter as melhores soluções para um produto final onde quer ver a sua marca de qualidade, tornando-se mais exigente que o próprio cliente. Manuel Carvalho gosta de fazer coisas bonitas, com esmero deixando nos futuros proprietários das obras que promove um sinal forte de satisfação e de bom gosto, de modo a ser apreciado pelo que faz e no que faz quer fazer sempre bem. Convive naturalmente com clientes que gosto de ver bem feito e ele quer ser o primeiro apreciador da obra que faz. Neste loteamento em S. Torcato podia fazer algo mais barato e ele não o fez optando, por vontade própria, em deixar a sua marca no que será um excelente aldeamento fora da cidade. Distinguiu os passeios do arruamento principal do loteamento e as entradas das futuras casas com guias de granito, incluindo nos estacionamentos públicos e os que serão privados, de modo a que se faça uma distinção positiva e agradável no produto quando acabado. Não tenho dúvidas de que podia ter rentabilizado mais a sua construção mas optou por fazer apenas quatro lotes maiores numa área confrontante onde existem nove lotes e habitações, colocando no mercado lotes para casas térreas com excelentes logradouros, coisa rara no mercado habitacional e nas cidades. Em resumo: a urbanização pela sua qualidade, pela sua localização, valoriza o sítio, será um excelente produto comercial e tem o projecto que mais se enquadra no local, podendo ser considerada uma "aldeia" habitacional de qualidade".

Helder Martins, arquitecto

24 CUIMARAES, ACORA! GUIMARAES ACORA!

#### **NOVA URBANIZAÇÃO**

## Reabilitação exemplar

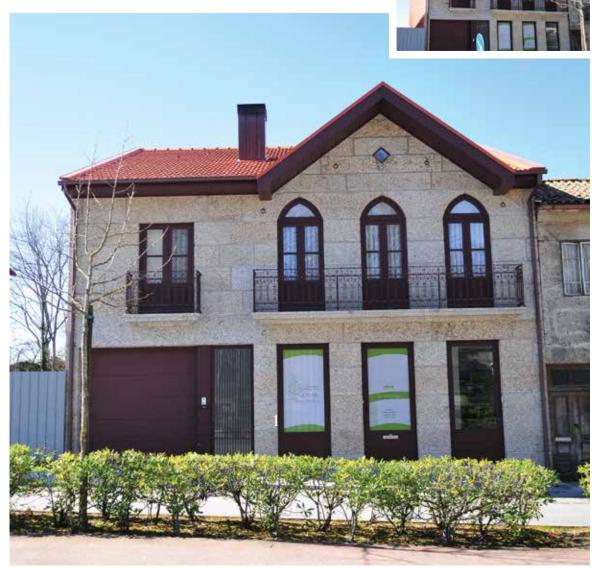
"Casa dos
Poços" tem uma
história bem
conhecida em
São Torcato:
foi mercearia,
"tasca" e casa de
pasto, café e sala
de estar para
quem não tinha

televisão em casa.

Propriedade dos irmãos António e Abílio Martins Fernandes, a "Casa dos Poços" também por se situar no centro e a poucos metros do Santuário, era conhecida pelos que vinham ver as famosas festas de São Torcato, a Romaria Grande, a Feira dos 27 e o festival folclórico.

Foi também ponto de encontro e local de diversão para gerações de jovens que viram ali a emissões de televisão, da RTP. pela primeira vez, e ali jogavam "matraquilhos" como passatempo e entretenimentos quase únicos.

Era uma casa animada ao longo do ano, local de encontro de muitos torcatenses que manteve com a sua história, a traça de casa minhota, com vários andares acima e abaixo do rés do chão. Foi também ali que alguns beberam os "pirolitos", uma



bebida doce e gasosa fabricada no rés-do-chão. O encerramento da "Casa dos Poços" deixou um vazio no centro do Mosteiro e apesar de ter acabado com a sua função comercial manteve a força da sua estrutura arquitectónica.

Adquirida por Manuel Carvalho tornou-se numa casa de habitação, de múltiplos alojamentos e apenas um lugar de comércio e fica agora como exemplo de reabilitação, no coração da freguesia onde há mais edifícios com história local para recuperar como a vizinha "Casa do Marco".

Hoje, a reabilitação da "Casa do Poços" que manteve a sua fachada imponente e tradicional e beneficiou de obras de reparação do seu interior para fins habitacionais pode inspirar outros proprietários como exemplo a seguir, de modo a recolocar o centro da freguesia com a qualidade urbana que se deseja em redor de um Santuário, também histórico, obra de arte reconhecida internacionalmente, e que muito embelezaria o centro de São Torcato, composto de espaços de parque amplos, de árvores frondosas, com as condições naturais para ser vivenciado pela população local e pelos seus visitantes.

Recuperação de qualidade aumentou funcionalidade do edifício.



#### De afinador de máquinas a construtor

Depois da escola, Manuel Carvalho, começou a trabalhar com 13 anos. E não se perdeu em monotonias para, poucos anos depois, subir de categoria e se afirmar como afinador de máquinas de calçado.

Quando era suposto ter um rumo definido, Manuel Carvalho compra um apartamento aos 19 anos, ainda em projecto, e já com a experiência de saber como se vende um apartamento, resolve vendê-lo - em tempo de crise - e dar um passo na construção, numa sociedade que constituiu com um sócio. Em Aldão, inicia-se na construção de algumas moradias. Mas em São Torcato descobriu nova vocação e lança-se com maior arrojo como

promotor e construtor, abrindo uma nova frente de urbanização, com casas térreas, de arquitectura moderna e de construção de qualidade, a cinco centenas de metros acima do Cemitério e numa zona distante do centro da freguesia em cerca de um km.

Num ápice lança no mercado propostas que ganham aceitação de clientes e, uma atrás de outra, vai fazendo e construindo, deixando clientes satisfeitos com o produto que vendeu a pessoas da classe média e média alta, como empresários, agente de seguros, magistrados, arquitectos, médicos, entre outros.

Apesar dos incitamentos de alguns agentes imobiliários para construir na cidade e alargar novos horizontes, Manuel Carvalho obtém informação bancária de que uma considerável área de terreno iria ser posta à venda, em resultado da falência da empresa que detinha o Supermercado Freitas.

Em Dezembro de 2015, formaliza a compra do terreno e inicia o processo de loteamento junto da Câmara Municipal. Foi assim que nasceu uma nova urbanização em São Torcato, distinta e nobre, - cujo nome pode ser aprovado pela Assembleia de Freguesia mais à frente - que será a jóia da coroa dos empreendimentos que Manuel Carvalho junta à sua carteira de construções. O que para um torcatense, por adopção, é um feito enorme.

#### **AUTARCAS**

#### OPINIÃO



Alberto
Martins
Empresário
albertocmartins@sapo.pt

# Uma Vila sustentável mas com futuro!

A Vila de São Torcato é reconhecidamente uma Vila que oferece enorme qualidade de vida, a quem cá vive e a quem nos visita. Apresenta características únicas no concelho de Guimarães, devido ao seu património edificado, valências e magníficas paisagens, o que fazem desta Vila uma das mais procuradas para viver e passear. Contudo a visão que tenho para a nossa Vila assenta no equilíbrio entre a sustentabilidade e o desenvolvimento. A Vila de São Torcato para continuar a ser atrativa no futuro tem de ter o que considero o mais importante, as pessoas. São elas que dão vida a esta emblemática Vila do nosso concelho e bem sabemos como é chegar a uma Vila ou concelho do interior do país onde se faz sentir a desertificação. Assim urge pensar a Vila nesta dicotomia, sustentabilidade e desenvolvi-

mento. São duas vertentes perfeitamente compatíveis, desde que o desenvolvimento se faça de forma acertada, nos locais corretos e alicerçado em fatores de sustentabilidade ambiental e patrimonial. Com a 2ª revisão do Plano Diretor Municipal de Guimarães está aberta uma oportunidade única de desenvolver São Torcato, permitindo desbloquear um conjunto de áreas para habitação, preferencialmente unifamiliar e também zonas industriais A habitação em São Torcato é como sabemos escassa e cara, devido fundamentalmente à reduzida oferta e à enorme procura pelos fatores que anteriormente mencionei. Estou certo que a zona da Corredoura desde a bomba de gasolina,

Está aberta uma oportunidade única de desenvolver São Torcato, permitindo desbloquear um conjunto de áreas para habitação... \_\_\_\_\_ 66 59

de Segade até Rendufe, de Mogege, Real e da Fonte Cidra tem muita margem de crescimento sem colocar em causa a referida sustentabilidade. Acrescento ainda a zona do Barreiro/Formiga com uma nova acessibilidade teria nova capacidade de fixação de população. Existe portanto a necessidade de novos terrenos disponíveis para construção e sabemos que mais oferta significa preços mais acessíveis. Paralelamente é necessário pensar as zonas industriais existentes e a criar, penso ser fundamental alargar a zona industrial do Gilde, oferendo-lhe melhores acessibilidades e permitindo o seu crescimento até ao parque do antigo "xavi". Outra zona industrial muito importante será que irá nascer junto ao cemitério da Vila e que julgo ser fundamental para fixar empresas e dessa forma comércio, serviços e o mais importante de tudo pessoas. Assim com mais habitação disponível e com a atratividade de novos postos de trabalho estou certo que toda a Vila ficará a ganhar. São Torcato tem de soltar amarras do passado e de uma visão redutora da Vila, apenas bela para visitar mas sem capacidade de fixar população, no fundo a Vila tem de ter gente para ter vida e estou certo que estamos perante uma oportunidade que não podemos deixar escapar. São Torcato uma Vila com Vida...



#### TERRAPLANAGENS FALCÃO, LDA.

Rua Artur Ribeiro nº 625 4805-682 Vila Nova de Sande

#### Serviços de:

- Obras Públicas
- Construção de Moradias
- Construção de Apartamentos
- Construção de Pavilhões
- Construção de Pavilhões Industriais



Alvará nº 35764





26 GUIMARÃES, AGORA! GUIMARÃES, AGORA!

#### **ENERGIA**

#### EDP ficou em segundo no concurso

# Endesa vai fornecer luz pública a Guimarães

Texto de: José Eduardo Guimarães

▶ O fornecimento da luz pública e aos edifícios da Câmara, foi atribuído por concurso à Endesa. A EDP tradicional fornecedora apresentou um preço mais elevado, em cerca de 300 mil euros, deixando a multinacional espanhola entrar no mercado.

A

Endesa, multinacional, com sede em Espanha, e com sucursal em Portugal, vai passar a fornecer energia eléctrica, no concelho de Guimarães, nos

próximos três anos.

A empresa instalada em Portugal há mais de 20 anos, apresentou preço mais baixo para os três lotes do fornecimento de energia eléctrica postos a concurso: 1) fornecimento de energia eléctrica, para edifícios e iluminação pública em Baixa Tensão Normal; 2) energia eléctrica para edifícios em baixa tensão especial; 3) energia eléctrica e edifícios em média tensão, abrangendo escolas, bibliotecas e arquivos e sede do Município.

A Endesa apresentou os melhores preços, nos três lotes a concurso, recebendo pelo fornecimento da energia dos três lotes 9 217 085,31 euros. A EDP Comercial apresentou uma



Iluminação pública de edifícios, monumentos e ruas fica mais barato.

proposta ligeiramente mais cara na ordem dos 9 453 607,47€.

No concurso, participaram ainda a Galp Power - excluída por ter apresentado preço superior ao preço base - e HEN- Serviços Energéticos, Ld<sup>a</sup> - também excluída do concurso por não ter apresentado todos os documentos exigidos.

Na reunião da Câmara que aprovou aquela adjudicação, a votação foi unânime entre os vereadores do PS e da Coligação Juntos por Guimarães.

#### Para aquisição de bens e serviços e empreitadas

# CIM do Ave tem central de compras

O concurso para o fornecimento de energia eléctrica para os fins que o Município persegue em termos de abastecimento público e de iluminação de escolas, equipamentos bem como ruas e caminhos públicos, e outros edifícios, foi feito com base num regulamento (335/2015) aprovado no seio da CIM Ave - Comunidade Intermunicipal do Ave, e que se destina a desenvolver um

sistema de compras electrónicas, com base no qual os Municípios nela envolvidos podem obter "poupanças financeiras e processuais significativas" quando se trata de adquirir serviços, para fins de interesse público.

Aquele regulamento publicado no Diário da República, em 12 de Junho de 2015, já tem vindo a ser utilizado também por outros municípios - Fafe, Vizela, Vila Nova de Famalicão, Vieira do Minho, Póvoa de Lanhoso, Cabeceiras e Mondim de Basto - na base de uma central de compras, melhorando o nível de resposta às necessidades de cada autarquia.

E funciona segundo a lei dos Contratos Públicos e outras disposições legais, num sistema de negociação e contratação centralizado para a aquisição de bens e serviços. É com base nesta central de compras que se centralizam as contratações de empreitadas de obras públicas, de locação e aquisição de bens móveis e de aquisição de serviços, com o objectivo de redução de custos, da protecção do ambiente dos bens e serviços adquiridos, na promoção da concorrência, na garantia da plena autonomia dos municípios da CIM do Ave, tirando partido

e benefícios do agrupamento de encomendas e das compras em grupo, adoptando estratégias de acordos quadro - sempre facultativos - para serem utilizados à medida que vão sendo necessários. A esta central de compras intermunicipal podem associar-se ainda serviços municipalizados e outras entidades dependentes de cada município.

GUIMARAESAGORA.COM | MARÇO 2019

#### **ENERGIA**

#### Monteiro de Castro sobre os preços do mercado

# "Confirmaram-se as nossas expectativas"

vereador Monteiro de Castro tem tido várias intervenções sobre a aquisição e fornecimento de energia eléctrica. Em duas intervenções críticas sobre

esta matéria, defendeu sempre a hipótese de se observar a lei da concorrência, ouvindo as empresas interessadas, face ao que era até então o monopólio da EDP.

E considerou mesmo "descabida" a forma como não se procedia de acordo com as regras de um mercado já liberalizado, ou seja, ouvindo a concorrência.

Até porque tal procedimento garantia não apenas a transparência da consulta e numa encomenda desta dimensão, o Município podia até lucrar com uma provável redução de preço. Ao introduzir nesta questão, as regras concorrenciais - como o

faz já noutras aquisições de bens e serviços - o Município acabou por reduzir à factura da energia em cerca de 300 mil euros.

GA - Como viu o facto de a Endesa ter melhores preços que a EDP que foi sempre a fornecedora de energia a Guimarães? AMC - Vi-o como um facto natural e normal na vida comercial das empresas e consumidores.

#### GA - Que vantagens trouxe para o Municipio, para além do preço?

AMC - A vantagem é, desde logo, uma economia próxima dos €300.000 e depois um primeiro passo para comprar melhor ainda no futuro, economizando uma verba substancial aos cofres municipais.

GA - Acredita que o serviço a prestar não será de menor qualidade que o da EDP? AMC - O serviço de



Monteiro de Castro sublinhou a importância da concorrência.

fornecimento de energia nada tem de especial, já que energia, seja fornecida pela EDP, seja fornecida pela Endesa, é apenas energia que provém das mesmas fontes de produção.

# GA - O concurso que se realizou para o fornecimento de energia é a consequência da liberalização do mercado da electricidade?

AMC - O mercado energético está já liberalizado há vários anos. A questão é que o presidente da Câmara tem entendido não ser necessário consultar a concorrência para este fornecimento da ordem dos 3 milhões de euros anuais, tendo concordado com os serviços técnicos municipais de que os preços praticados pela EDP são os preços do mercado. Depois de várias nossas intervenções sobre a necessidade de consultar os vários operadores presentes no mercado, a Câmara decidiu acompanhar a Comunidade Intermunicipal do Ave (CIM-Ave) numa consulta a cinco empresas fornecedores de energia a qual veio confirmar as nossas expectativas de que se iria obter um valor substancialmente mais baixo do que aquele que temos vindo a pagar ao longo dos últimos anos.

OPINIÃO



#### Paulo Castelo Branco

Arquitecto
pcastbranco@gmail.com

## **Genius Loci**

Na consulta a um oráculo sobre a cidade de Eudóxia, e a misteriosa representação da sua planta numa tapeçaria, o "responso" foi o de que todas as realizações humanas tem como modelo a forma que os deuses deram ao céu estrelado e às orbitas em que giram os mundos – esse modelo que o homem tenta imprimir ás coisas é apenas um reflexo aproximado, como todas as coisas humanas (in Ítalo Calvino, As Cidades Invisíveis).

A Cidade não é a mera aglomeração ordenada de edifícios e lugares, sustentáculo de vida e bulício social. Não é também apenas o espaço-base onde se concentram os meios de produção e a força de trabalho; para além da posição de previlégio no território, a Cidade afirma-se como Lugar, palco de acontecimentos e Cultura, onde o Tempo deixa as marcas das arquiteturas, dos espaços "naturalizados" e dos episódios e personagens impactantes no desenvolvimento civilizacional. Neste sentido a Cidade, como devir histórico, detêm

o denominado genius loci, o espírito que lhe confere a diferença e a eleva acima das meras realizações materiais. Com o advento da industrialização, a cidade mecaniza-se, esvazia o campo, atafulha-se de gente, oferecendo oportunidades (e miséria), liberdade e tensões sociais, bem-estar e insalubridade. Todas estas cidades "hipertensas", hoje rodeadas de largos aneís de periferização com os seus bairros-jardim, guetos e favelas, são o centro da vida política e das politicas territoriais absorvendo, vorazmente, tudo à sua volta num turbilhão irrespirável que poderá envolver, já em 2050, 2/3 dos previsíveis 10 biliões de habitantes do planeta; 1 bilião não terá acesso regular a água potável.

# Demonstram os desiquilíbrios de uma sociedade de redes-sociais e que apenas encontrará a *"redenção"* na promoção da educação... \_\_\_\_\_\_ 66

Nós por cá, com a retoma da empregabilidade e a requalificação das áreas apelativas ao sentimento nostálgico, vamos turisticamente reocupando e engordando as cidades, pejando-as de veículos e despojando-as dos seus habitantes tradicionais, empalidecendo paulatinamente o seu carácter identitário (que atraiu o turismo...). Enquanto isto, à volta, os "Bairros da Jamaica" demonstram os desiquilíbrios de uma sociedade de redes-sociais e que apenas encontrará a "redenção" na promoção da educação, da cidadania e da noção de bem-comum, pilares-base da coesão social e territorial. Na verdade os discursos sobre a cidade passam hoje, não tanto por utopias ou transmutações repentinas mas, sobretudo, pela recuperação da sua carga simbólica e pela dignificação da pessoa humana numa correlação onde urbano, suburbano, lugares, vales e montanhas possam conhecer justa avaliação enquanto suportes dignos e complementares do desenvolvimento. Como pretende Norberg-Schulze quando afirma: a humanidade não pode desenvolver-se num qualquer lugar, mas num sistema de lugares com alma e espírito, assim deve constituir-se a escolha do sítio onde vivemos como aposta não apenas no pragmatismo básico do sustentáculo à vida mas como elemento de interactividades, tradições e conciliações com a história e o vasto território. Assim permitam os deuses.

28 GUIMARÃES, AGORA! GUIMARAESAGORA.COM | MARÇO 2019

#### **CIDADE**

#### Bombeiros em aniversário

## Faltam voluntários e equipamento

▶ Os Bombeiros Voluntários de Guimarães acrescentaram mais um ano à sua história com a promessa de que a Câmara vai ajudar na aquisição de uma auto-escada Magirus.

com o frenesim

dos Bombeiros no assinalar de mais um aniversário. O desfile e cortejo com fanfarra é sempre algo que

cidade acordou

anima as manhãs de Domingo, já que desde o quartel à igreja, os voluntários deixam a marca da sua passagem, com o aplauso da população que continua a ver nas corporações dos Bombeiros, um elo da sociedade e uma força de protecção.

Foi que o presidente da Câmara lembrou ao colocar os Bombeiros como "um pilar" da protecção civil um parceiro forte e sempre presente no combate às situações de catástrofe, na ajuda e socorro em acidentes e na importância função e papel "crucial" no combate aos incêndios.

Se na protecção de pessoas e bens o papel dos bombeiros já é reconhecido, Domingos Bragança, sustentou que na defesa do ambiente os "voluntários" têm igual preponderância numa época em que os acidentes naturais são frequentes por causa das mudanças climáticas, fruto de um desenvolvimento não sustentável.

Neste contexto, o presidente da Câmara não se fez rogado no "apoio que o Município deve dar aos bombeiros", sublinhando em particular o apoio



não apenas para a formação de activos como na aquisição de equipamentos onde se inclui uma auto-escada Magirus que terá um papel fundamental se e quando justificar intervenções no centro histórico, dadas as reconhecidas dificuldades.

Os bombeiros têm uma actividade acrescida nos servicos de emergência que prestam. Em 2018 tiveram 10733 ocorrências o que levou o comandante da corporação a lembrar que há necessidades evidentes em recrutar

mais "profissionais" num época em que o "voluntário" decresce.

Se a situação financeira da Associação já não preocupa porque se estabilizou, como reconhece João Miranda, presidente da direcção, o certo é que há constrangimentos ao nível dos recursos humanos para acorrer a situações de acidentes e emergências e desafios que se colocam na ambição de ter mais equipamentos para poder prestar mais serviços e de melhor qualidade.



#### CRÓNICA DO DIA

OPINIÃO



Vítor Oliveira voliveiragmr@gmail.com

## Honra e Glória!

As duas corporações de Bombeiros do concelho de Guimarães estiveram particularmente ativas neste fim de semana. Não propriamente pelo desempenho no combate a um fogo, mas pelo conjunto de ações que promoveram em prol do bem comum. No centro da cidade, apagaram-se 142 velas e o Presidente do Município anunciou a oferta de uma autoescada para o combate a incêndios urbanos, que possa aceder às estreitas ruas do nosso Centro Histórico. Um veículo fundamental de prevenção, depois da corporação das Taipas ter sido contemplada, em 2018, com uma autoescada de combate a incêndios. Prevenção é, na verdade, a melhor solução para evitar acidentes e outras ocorrências. Não de forma abstrata, mas com atitudes concretas para que os Vimaranenses sintam segurança, tranquilidade e o bem-estar necessários para as atuais e gerações futuras. Também por essa razão decorreu este fim de semana um exercício de grande escala para resposta em situação de catástrofe internacional. Em

parceria com o Município e outros agentes da Proteção Civil, os Bombeiros das Taipas realizaram uma ação avançada para quem desempenha funções de proteção e socorro às populações – uma formação pós-graduada, diferenciada na área da emergência. Neste simulacro, foi treinada toda a cadeia de comando, cenário de acidente, mobilização de transportes, serviço pré-hospitalar, coordenação com hospitais existentes na área geográfica, realização de triagens, criação de corredores de evacuação e trabalho de gestão e relação com a comunidade, no caso de resposta a um incidente com multivítimas, ou seja, uma catástrofe. A formação robustece a capacidade dos nossos bombeiros e diminui o risco de vida de quem

opera e tem por missão prestar apoio a todos os pontos do nosso território, num socorro pronto e qualificado. Os corpos de bombeiros são o pilar e o agente de Proteção Civil por excelência, presentes de forma permanente na prevenção de riscos, na resposta a acidentes graves ou outros sinistros, com vista a atenuar riscos e a apoiar a reposição da normalidade da vida das pessoas em áreas afetadas. A condecoração e o reconhecimento fazem, pois, toda a diferença para que seja distintivos e referenciais para que muitos jovens vimaranenses observem pelo exemplo e queiram, também, ser bombeiros empenhados e determinados na missão de proteger pessoas e bens do nosso Concelho. Cada vez mais, a Proteção Civil assume um papel fundamental. As alterações climáticas têm-se feito sentir e os desastres naturais de Moçambique são os episódios mais recentes de um folhetim que ainda só agora começou. É crucial que o equilíbrio dos ecossistemas se restabeleça! Mas, entretanto, há que dar solução ao que se nos depara. Sim, porque "isto" não acontece só aos outros. O melhor investimento – e que é altamente rentável – tem a ver com a defesa de vidas e de bens! E os Bombeiros representam o que melhor temos de generosidade, compromisso, voluntariado e dedicação. Honra e glória para quem aceita o desafio de respeitar a dignificante história de imensos cidadãos que, um dia, entenderam abraçar a nobre causa da proteção e socorro.







# **AGROATÃES**

AGRICULTURA
DROGARIA
RAÇÕES
FITOFARMACÊUTICOS
ADUBOS
HORTÍCOLAS



Patrício 966 883 730 Filipe 968 234 277 Rua Nossa Senhora da Guia, 1210 Atães 4800-241 Guimarães













30 cuimarães, agora!

#### **BREVES**

#### Prédios em ruínas no centro urbano

## Câmara vai executar obras

esde Março
de 2010 que a
Câmara Municipal impôs obras
em dois edifícios do Largo
da República
do Brasil por
ameaça de ruína.
Só que a dona dos edifícios - a Sociedade Agrícola de

Arnozela, Lda, com sede em Santo Tirso, tem ignorado as ordens de execução nos prazos fixados pelos diversos despachos. E dizse impotente para concretizar as obras elencadas pelos serviços técnicos de vistorias da Câmara.

Entretanto, a Câmara instaurou processos de contra-ordenação que não levaram a nada, ou seja, os edifícios continuam a representar perigo por se encontrarem em situação de ruptura e ruína eminentes. Os técnicos municipais concordam que são necessárias obras de demolição das três chaminés, do beiral do alçado traseiro, o corte e limpeza de vegetação, a colocação de uma

cobertura provisória, obras de emergência que não evitam uma solução global.

Sem que a dona dos prédios corrija os perigos que resultam do mau estado de degradação dos prédios, a Câmara intervém tomando posse administrativa do imóvel, nos termos da lei, e procede às obras provisórias que o Regime Jurídico da Urbanização e Edificação fixa para estes casos.

A Sociedade Agrícola de Arnozela, Lda já fez saber, entretanto, que "a sua situação financeira é debilitada", que tem dívidas ao IAPMEI de mais mais de 1,2 milhões de euros - entidade que já hipotecou o imóvel em ruínas - e espera que um PER - Processo Especial de Revitalização - já aprovado seja posto em prática. Esclarece, contudo, que não pode intervir no imóvel uma vez que o mesmo se encontra à venda. ■



Reabilitação maior deste edifício só com novo proprietário.

#### Reabilitação do bairro

# Emboladoura pode ter parceria com o Governo



Parceria com o Governo tem amplo consenso local.

Domingos Bragança propôs à Secretária de Estado da Habitação (Ana Pinho) uma parceria com o Governo. A reunião aconteceu no início de Fevereiro último. O propósito foi a reabilitação do bairro social da Emboladoura, em Gondar.

O Presidente da Câmara Municipal tem vindo a apontar que encontrar soluções para as habitações sociais do concelho degradadas é um dos objectivos do mandato. Na reunião do Executivo de 31 de Janeiro passado, o autarca referiu que a aposta será "a eficiência energética". Segundo o comunicado de imprensa da Câmara de Guimarães, Domin-

gos Bragança "deixou em aberto a possibilidade de serem efectuadas alterações à lei" para se encontrar uma solução para o bairro da Emboladoura.

Na mesma reunião de Janeiro último, o autarca foi questionado sobre a requalificação da Rua 24 de Junho, em Aldão. Domingos Bragança respondeu que "as exigências das populações não são compatíveis com simples repavimentações de vias". Por isso, aquela rua de Aldão "beneficiará de uma construção mais lata", com a construção de passeios e a instalação de infraestruturas ou mobiliário urbano. "E não é só Aldão. A intervenção estender-se-á

a Atães, Selho São Lourenço e Pencelo", acrescentou. Estes projectos poderão sofrer alterações "desde que o interesse público o justifique".

O Plano de Investimento para o Concelho acarreta a contracção de um futuro empréstimo. Segundo a mesma nota de imprensa, o valor do mesmo será "de cerca de 10 milhões de euros, para a reestruturação da rede viária, rede essa que já não poderá beneficiar de apoios comunitários". O Presidente da Câmara Municipal adiantou que, "em cinco anos", Guimarães amortizou a dívida "em cerca de 30 milhões de euros".

#### TRIBUNA LIVRE

#### OPINIÃO



**Carlos** Fonseca carlosdafonseca.ga@gmail.com

# Reflexões sobre a Cidade

alguns apontamentos

(...) Pois os nossos maiores, imolados animais que pastavam naqueles lugares onde se estabeleceriam opidos ou acampamentos fortificados permanentes, examinavam-lhes os fígados e, se á primeira vista surgiam lívidos e adulterados, imolavam outros para tirar dúvidas se estavam contaminados por doença ou por causa da pastagem. Tendo experimentado várias vezes e ficado convictos da natureza íntegra e sólida dos fígados na sua ligação à água e ao pasto, aí levantavam as fortificações, todavia, se verificavam que eles estavam doentes, pensavam que também para os corpos humanos seriam prejudiciais os recursos de água e de alimento provenientes destes lugares, e, em consequência, transmigravam e mudavam de zona. procurando em todas as coisas a salubridade. Vitrúvio in Tratado de Arquitectura, séc. I a.C (trad. Justino Maciel, 2002)

Em De Architectura, tratado em dez volumes sobre teoria e pratica desta disciplina, o arquitecto romano Vitruvio, descreve a metodologia adoptada na escolha do sítio adequado para implantação e fundação das cidades. Para os Romanos, a observação das entranhas do gado deixado a pastar livremente durante vários dias nos terrenos em análise, era reveladora das características físicas, químicas e biológicas do lugar. Sobre a natureza e compatibilidade dos terrenos para construção o arquitecto Raul Lino (1879-1974), no livro Casas Portuguesas - Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples (1), adverte para a inedequabilidade dos terrenos alagadiços e com entulhos, assim como dos terrenos com bancos ou veios de argila e lençóis de água subterrâneos, motivos pelos quais aconsel-

hava uma análise prévia dos terrenos, por especialistas. Embora apresentando distintas metodologias, os escritos tanto de Vitruvio como de Raul Lino informam-nos de uma importante tradição com mais de dois mil anos inerente ao processo construtivo relacionada com uma qualidade que, apesar de não ser de reconhecimento imediato, porque não pertence ao domínio físico (apesar de sobre ele actuar), seria determinante na escolha do lugar – a salubridade. A formação e constituição de aglomerados em locais específicos do território, não resulta então somente das suas características topográficas e orográficas associadas a vantagens estratégicas de locais a meia encosta e a proximidade a cursos de água, ou climatéricas pela favorável exposição solar, mas com a qualidade destes factores: a salubridade que advém da qualidade das terras, das águas e do ar, eram importantes indicadores e garantias do bom funcionamento e da saúde das cidades e dos que nela viriam a habitar. Salvo algumas

Os lugares para construção são hoje decididos em gabinetes e definidos por planos em função de motivações políticas, administrativas... \_\_\_\_ 66 99

diferenças de critério de fixação no território em função de modelos específicos de expansão e colonização, no essencial esta pratica foi-se mantendo ao longo da história. Com o desenvolvimento da mecanização e consequente aceleração promovida pela revolução industrial, a questão da salubridade enquanto indicador de qualidade, foi sendo gradualmente substituída por outros factores, em favor da quantidade relacionada com um novo e emergente paradigma de bem estar económico e social que caracteriza o mundo moderno. Os lugares para construção são hoje decididos em gabinetes e definidos por planos em função de motivações políticas, administrativas, burocráticas e financeiras, sendo os factores sensíveis e vitais substituídos ou relegados para último plano. Sendo certos hoje os efeitos nocivos e os prejuízos - inclusive e, paradoxalmente, de ordem económica - que esta situação acarreta, sabemos também - e já não são apenas suspeitas, mas evidencias concretas - da necessidade de desacelerar e inverter gradualmente este processo. Por isso, compete a todos nós, na dupla condição de habitantes e agentes transformadores do território, o imperativo do seu estudo através de várias técnicas, saberes e ciências, sensíveis e físicas, por forma a conhecer e reconhecer em cada lugar as suas qualidades e propriedades específicas e, em última instância a sua vocação, para que consigamos diariamente realizar a manutenção do equilíbrio entre paisagem natural e transformada. A observação da paisagem é neste sentido, uma ferramenta essencial para quem deseja operar esta transformação introduzindo na sua vida activa, uma vida contemplativa (2), indutora de mecanismos de consciência e identificação com a realidade global da paisagem que habitamos. Este prisma de conhecimento permitirá a actuação em conformidade com a complexa realidade que nos rodeia, para que finalmente possamos cumprir a nossa missão de jardineiros deste território em contínua transformação.

(1) Sobre este assunto ver Raul Lino. Alguns Apontamentos sobre o Arquitectar das Casas Simples. Lisboa: Valentim de Carvalho, 1933.
(2) Conceitos desenvolvidos pelo filósofo Byung-Chul Han em O Aroma do Tempo. Lisboa:

Relógio d'Agua Editores, 2016.



#### **ASSINATURA ANUAL**

guimaraesagora.com

geral@guimaraesagora.com



+351 **96 986 11 82** 351 93 117 39 15

#### **ESTATUTO** EDITORIAL:



"Guimarães, agora!" é um jornal mensal que se edita em formato de papel, uma vez por mês; a sua edição online e em formato digital terá actualizações constantes em função da actualidade. Assume-se como jornal independente e livre.

A procura da verdade e o relato que dela faz é subordinada aos factos, nunca permitindo qualquer condicionamento da informação que veicula por interesses partidários e económicos ou lógica de grupo, sendo responsável apenas para com os seus leitores.

"Guimarães, agora!" nem se inspira em qualquer religião, nem assume uma orientação política e partidária, independentemente do seu próprio olhar sobre Guimarães e região, o país e o mundo.

"Guimarães, agora!" orienta-se pelo princípio da dignidade da pessoa humana e pelos valores da democracia, da liberdade e do

A liberdade estará no centro das suas preocupações e a defesa de uma sociedade aberta, com instituições respeitadoras da lei e dos direitos individuais será escopo da sua acção. Acreditamos que o desenvolvimento harmonioso tem de ser inclusivo e não discriminatório.

"Guimarães, agora!" quer contribuir para uma opinião pública informada e interveniente, valorizando a irreverência e a inovação, a controvérsia e a discussão franca e sem complexos ou tabus.

"Guimarães, agora!" será um jornal para um público de todos os meios sociais e de todas as profissões. E procurará fórmulas atrativas, inovadoras e pertinentes de apresentação da informação, mas dispensando o sensacio-

"Guimarães, agora!" estará na linha da

frente do processo de mudanças tecnológicas e relacionais, sempre atento à inovação e promovendo a interação com os seus leitores

"Guimarães, agora!" tem um compromisso assumido com o cumprimento da lei de imprensa e outras e com o respeito absoluto do Código Deontológico dos iornalistas que se compromete a cumprir. E acredita na boa fé dos seus leitores.



CONTINUÁMOS A USAR O ANTIGO ACORDO ORTOGRÁFICO NA REDACÇÃO DOS TEXTOS JORNALÍSTICOS

